

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL COLETIVA**

**“EU FUI À BEIRA DO GUAÍBA, PRA VER A CIRANDA NO SEU CIRANDAR”:
CARTAS À DERIVA DAS FOLIAS, DAS LOUCURAS E DAS LUTAS**

ISRAEL DIAS DE CASTRO

**PORTO ALEGRE
MARÇO DE 2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL COLETIVA**

**“EU FUI À BEIRA DO GUAÍBA, PRA VER A CIRANDA NO SEU CIRANDAR”:
CARTAS À DERIVA DAS FOLIAS, DAS LOUCURAS E DAS LUTAS**

Trabalho de Conclusão de Residência
Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação: Márcio Mariath Belloc

**PORTO ALEGRE
MARÇO DE 2019**

Página destinada à Ficha Catalográfica

Agradecimentos

Escrever sobre agradecimentos traz memórias e lembranças de todo esse percurso e muito mais para além dele. Nos evoca nossa espiritualidade, nossa família e nossas amizades. Como esse trabalho reflete muito sobre os processos vividos e a própria escrita, penso que carregar esse texto da afetividade seja, logo de início, importante. Me sinto preenchido de gratidão, até os poros, da cabeça aos pés, por ter tido tanto suporte de tantas forças e pessoas que construíram juntas o trabalho aqui escrito.

Agradeço à todas as forças espirituais que teimosamente demonstraram inúmeras vezes presença e manifestação de sagrado em momentos de alegria e de tristeza que aqui vivi. Aos singelos momentos que borboletas me sinalizavam como os processos são por si processos em e para mudança. Aos sonhos que me simbolizavam e mostravam a inquietude do inconsciente e dos mistérios que existem na vida da gente. Às revoadas de passarinhos que tanto vi no amanhecer e entardecer, nas idas e vindas do trabalho e me fortaleceram com as lembranças de que os tempos têm seus próprios ritmos e que é da natureza essa insistência que o tempo muda, seja pelo lugar do sol, pela fase da lua, pelo clima ou pelas dúvidas e crises que nos fazem caminhar.

Agradeço imensamente à persistência e paciência de minha mãe, Dona Graça, em me apoiar nos caminhos de cigania e de forasteiro que tanto me afastaram de casa. Agradeço a sua abertura ao novo, ao diálogo, a se infiltrar por tantas águas que abrem brechas nas durezas do chão da realidade, a ela que me criou, me fez com criação: criatura-criança-jovem-adulto.

Agradeço profundamente aos meus amigos que trago no peito, nas fotos na bolsa, nos grupos virtuais, que me mantiveram conectados à minha origem, ao lugar de onde eu vim, e são forças que me mantêm vivo. Agradeço às companheiras e companheiros que junto comigo tanto caminhamos nas lutas das ruas, praças, corredores, pátios, quintais, praias e estradas. O carinho dessas recordações foram combustível para eu não esquecer quem eu sou e porque vim até aqui e esquentou meu coração mesmo nas noites mais frias. Em especial, aos amigos e amigas do Coletivo da Saúde, Geísa, Félix, Priscylla, Deborah e Luciana.

Agradeço respeitosamente e carinhosamente às minhas amigas, amigos e colegas residentes de minha turma, apesar de tudo e de cada coisa difícil que vivemos juntos. A convivência nessa rotina de trabalho e estudo nos desgasta bastante, a lida da construção coletiva também nos deixa cada um em evidência quanto ao que se é e quanto ao que se implica. Carrego muitos pesares e angústias por certos rompimentos e esgarçamentos de laços, no entanto, eles constituíram, junto com outros processos da minha vida, uma pulsão – mesmo que

dolorosa – a me rever por inteiro. Reconhecer meus privilégios, meu lugar social nesse mundo, país, estado, cidade; reconhecer a minha branquitude e os microfascismos presentes nas minhas atitudes. A busca por uma masculinidade que não fosse tóxica às outras pessoas ao meu redor se tornou algo bastante enriquecedor para o homem que quero ser e para a invenção de vida alinhada aos meus desejos como tanto busquei em me encontrar como artista. Em especial, à Sandra, Jéssica, Luna e Thayná que foram minhas duplas na atuação nos cenários de prática.

Agradeço alegremente à toda acolhida do grupo de teatro Nau da Liberdade. Foram inúmeros momentos de ternura, cumplicidade de que uma produção artística pode quebrar as amarras que tanto separam pessoas diagnosticadas e ainda não diagnosticadas dentro dos serviços de saúde, escolas e sociedade. Atravessando os limites de uma experiência ligada a instituições e vivenciando uma produção independente com todos os desafios que isso implica. Tenho uma profunda gratidão por ser nesse lugar que me reencontrei com a música, o teatro e dança, enfim, me reconheci como o artista que por tanto tempo era um projeto que apenas se prorrogava devido as demandas de ser acadêmico, ser militante, ser cientista, ser enfermeiro. Em especial, destaco um agradecimento à Maria por esse encontro com o teatro e a dança e à Márcio pelo encontro no grupo e na orientação desse trabalho, aos integrantes Fátima, Jaqueline, Marlon, Ronaldo, e tantos outros e outras. Também agradeço a Sandra que começou em minha orientação com as cartas e a Analice que compõe em conjunto a banca avaliadora.

Agradeço festivamente a todas as pessoas que conheci nos blocos de carnaval de rua. Rechearam meu coração e minha esperança de ter algum sentimento de pertença à cidade, me ressignificaram praças, parques, ruas e avenidas. Animar multidões com ritmos e melodias dos imaginários coletivos traz sentimentos de muita intensidade, difíceis de explicar. Ao Bloco da Laje e aos blocos piratas do Axé que Enfim, É Primavera e Avisa a Shana que Sábado vai chover, minha mais sincera gratidão por serem espaços acolhedores e de criação. Nos registros fotográficos se materializam o agradecimento especial às pernaltas, tocantes e soprantes que fizeram ecoar sorrisos e encontros. Em especial, a Lívia, Leonardo Bona, Amanda, Alexandre, Tobias, Pedro e tantos outros e outras.

Agradeço de uma maneira encantada a quem produz, vive e brinca Carnaval no Brasil, em especial a quem faz isso o ano todo numa época de tantos retrocessos e afrontas às nossas liberdades e direitos, nutrir a grande festa popular do país com elementos que existem desde sua origem como a crítica à política vigente, seja nas letras, nos sons, no corpo que dança e que brinca, na estética, na valorização da origem africana e indígena que também são constituintes da formação de nosso povo brasileiro.

Agradeço ao não ter fim, pelas buscas, dúvidas, errâncias, tropeços, atrasos, acasos, e a esse mistério sagrado que há no caos, nas possibilidades de mudança, nessas águas que escorrem pelas pedras, como diria o Manoel de Barros, nessas de liberdade caçar um jeito.

*“O meu revólver
é um estado de espírito
e o pessimismo
é luxo de quem tem dinheiro*

*A covardia
impera sob a ignorância
Mas a esperança
é substância pra mudar
Mudar as coisas de lugar*

*Uma cidade triste
é fácil de ser corrompida
uma cidade triste
é fácil ser manipulada*

*No contra-ataque da guerra, arte!
pra não viver dando murro em ponta de faca.
No contra-ataque da guerra, arte!
ninguém nessa terra vai comer farinata*

*Eu quero ver você dizer que
não vai ter mais frevo
Eu quero ver você dizer que
não tem frevo mais*

*O frevo é um ser humano
O frevo é o nosso Rock
O frevo é a luta armada
de Zenaide, de Capiba e de Spok*

*Meu corpo é uma cidade
com pernadas de aço
pra furar um buraco
na rocha do egoísmo
A revolta do passo*

*Ferrolho, tramela
Rojão, abre alas
Tesoura, martelo
Espalhando brasa*

*No contra-ataque da guerra, arte!
pra não viver dando murro em ponta de faca.
No contra-ataque da guerra, arte!
Um corpo liberto deixa a mente afiada.”*

Revólver - Flaira Ferro

*“Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa, as multidões*

*Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa, as multidões*

*Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra*

*Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato*

*Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati*

*Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”*

História pra Ninar Gente Grande – Estação Primeira de Mangueira - Samba-Enredo 2019

Sumário

1. Concentração	7
Planejando o percurso do cortejo...	7
Carta da Oficina de Escrita Criativa	9
2. Aquecimento	11
Carta à Nau da Liberdade	13
Encontrando o fio da meada da escrita	15
3. Repertório	25
Tanto mar... tanto mar? Como assim? Que reencontro!	25
“É a primeira vez que saio de casa no sábado!”	26
Ensaio das fumaças e dos vazios	30
O Cortejo	32
Que viagem dos italianos é essa?	33
Discorrer	35
Narrar	37
Procurando pelo carnaval gaúcho...	39
Travessia da sombra do concreto à luz do pôr do sol	44
O dia mágico	48
4. Inimigos do fim	50
A alegria revolucionária - estratégia de sobrevivência	50
O afeto - corporeidade e ancestralidade	52
O processo de criação - o cortejo como obra	54
As reverberações políticas em ato - privatização, mercantilização, patologização...	56
5. Todo Carnaval tem seu fim (?)	60
6. Referências	63
Anexos	67

1. Concentração

Planejando o percurso do cortejo...

Começo a desenvolver este trabalho demarcando-o em quatro grandes tempos: eles são típicos dos blocos carnavalescos, sobretudo dos blocos de carnaval de rua em Porto Alegre. Iniciamos com a *Concentração*, que é aquela hora anunciada para as pessoas começarem a se aglomerar. Há quem vai na hora marcada e com ansiedade observa as movimentações do espaço público e como os atores daquele dia chegam e o ocupam. Também há aqueles que surgem apenas no aquecimento ou em pleno repertório e entram na folia - tocando ou brincando - a seu tempo, a seu modo. A concentração é um dos poucos momentos em que as pessoas que tocam podem conversar entre si; geralmente tira-se uma foto do grande grupo tocante e, obviamente, o cortejo nunca começa na hora marcada. O manejo do tempo possui uma complexidade mediada por vários fatores como o sol, a chuva, a chegada de alguém em especial da banda, o término da maquiagem de alguns participantes. Esse tempo é misturado ao do aquecimento pois enquanto uns apertam parafusos afinando seus tambores, outros já ensaiam uma batida em dúvida com alguém mais experiente. Enquanto uns afinam seus instrumentos de sopro, outros ainda fixam suas anotações para espiar as notas das músicas.

Com essa imagem em mente, relaciono a forma como escrevo esse texto e também a sua leitura. Fique à vontade para pular ao repertório e retornar ao aquecimento. As cartas, diários e produções textuais também chegam a essa redação final em tempos diferentes, assim como os tocantes e foliões. Enfim, a concentração pretende ilustrar as cores desse bloco, explicar de onde veio e para onde pretende ir - ou tentar - afinal nem sempre o cortejo cumpre o percurso planejado. Nesse tempo, trago uma carta de uma oficina de escrita criativa realizada no término do processo formativo da residência. Esta atividade inspirou, em grande medida, este constructo. Nela, falo um pouco de minha trajetória e do que me levou a tratar sobre o tema e a vivência aqui exposta.

É importante salientar que houveram, nessa caminhada, dois cortejos carnavalescos: o primeiro foi em maio de 2018, no contexto das mobilizações antimanicomiais em torno do 18 de maio (Dia nacional de Luta Antimanicomial); e o segundo cortejo aconteceu em fevereiro de 2019, no contexto das prévias carnavalescas e mais conectado com uma intervenção propriamente carnavalesca.

O *Aquecimento* é aquele momento em que todos que tocam estão com seus instrumentos em diálogo com os seus naipes. Quem veio brincar, conversa livremente num momento em que é mais fácil caminhar de um ponto a outro da aglomeração. Como numa afinação dos instrumentos e do tom do trabalho, exponho uma carta que foi pensada, desde o início, para ser o abre alas, também fruto de uma oficina de escrita criativa que aconteceu em outro momento, entre os módulos da formação. Sigo com uma carta que levei ao grupo de teatro Nau da Liberdade para simbolizar a minha entrada e engajamento. Também apresento uma carta em que discorro sobre o ato da escrita, seguida de uma produção que afina a “bricolagem” metodológica que será a autoetnografia.

No *Repertório*, apresentamos ao povo ao que viemos, o que foi ensaiado, acordado em grupo para animar a brincadeira. Nesse momento mostro as cartas que tenho na manga: produções realizadas no cortejo de maio até o momento e que são, entre elas, sobretudo a matéria prima da vivência e da escolha das canções, ensaios e da poética do que foi cada um desses cortejos.

No último texto desse tempo do repertório, recorro a uma reflexão a partir dos relatos, conversas e avaliações e chego a categorizar quatro temas que atravessaram todo esse percurso, dialogando com esta criação com autores e autoras. Como acontece nos blocos, é difícil largar a folia seja quando se toca ou se brinca. Então esses temas serão expostos no tempo maior, denominado da mesma forma com que se chama nos blocos do carnaval porto alegre: *Inimigos do fim*. Como quem não quer largar o prazer da escrita de uma vivência que foi tão rica e importante para a minha formação como cuidador, terapeuta, artista e cidadão.

Nesse trabalho, que se demarque a tarefa necessária da luta antimanicomial estar articulada com o combate a todas as opressões que sustentam a exploração capitalista, como o machismo, o patriarcado, o racismo e a LGBTfobia. A expressão artística pelo teatro, dança, música e carnaval que aqui se expressa é mais uma das táticas e estratégias de luta a somar e multiplicar entre outras formas de atuação política para atingir os corações e mentes por outras-libertárias maneiras de se relacionar com a diferença e diversidade e que, sobretudo, devemos articular por um outro projeto de sociedade, que nos faça reconhecer e emancipar das amarras que nos privam de sermos quem somos e de quem podemos ser.

Carta da Oficina de Escrita Criativa

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2018

A entrada numa residência era algo desejado desde a graduação, que fiz entre 2008 e 2013. As vivências e experiências que o movimento estudantil de enfermagem trouxe foram muito importantes para minha formação enquanto profissional e sujeito. Através dos encontros nacionais, tive a oportunidade de conhecer estudantes de Porto Alegre, muitas delas (inclusive muitas outras, de outras regiões do país), optaram por esta residência. A minha maior identificação era contemplar uma formação que abrangesse dois campos dos quais me sentia muito à vontade de estudar e trabalhar, como sugere o nome do programa, e sobretudo, a inserção de cenários de prática da cultura e profissionais do campo das artes, juntos na residência.

Os caminhos oficiais podem ser explicados pelos espaços ocupados com os tempos relacionados. No primeiro ano, em Porto Alegre, os espaços foram o CAPS Glória Cruzeiro Cristal e o Projeto Acompanhamento Terapêutico na Rede, conhecido “AT na Rede”. No segundo ano, em São Leopoldo, os espaços foram a Unidade Básica de Saúde COHAB Feitoria e o CAPS Capilé.

Nos dois anos que aqui se passaram, acabei por transparecer e exercer esse desejo, apesar da então ausência de cenários e colegas residentes. Acabei por criar, digamos, um “terceiro” cenário, uma terceira margem do rio, como a de Guimarães Rosa, como foi a aproximação com o Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo e o Grupo de Teatro Nau da Liberdade.

Sem dúvida, é preciso expor que o percurso também foi muito permeado de sofrimentos psicológicos, crises de ansiedade, rompimentos e reatamentos de laços de amizade em Porto Alegre e João Pessoa, que mobilizaram bastante energia na procura de um amadurecimento sobre as amarras e espinhos de como ser homem em processo de desconstrução numa perspectiva antirracista e anti-machista. Entrei numa caverna, procurando uma fogueira dentro dela para encontrar quem quero ser. Ao contrário do mito platônico, não buscava as representações do mundo na parede da caverna, era o mundo que se apresentava em mim, em meu gesto cotidiano, e a necessidade de ter cumplicidade nesse gesto, e não simplesmente repetir as representações. O corpo como uma nau em motim, para construir um percurso outro, na produção de vida e cidadania.

Nesse sentido, realizei um percurso recheado de uma vivência intensa na cidade, principalmente na cena local do carnaval de rua. De uma experiência que antes era de folião, aqui pude ocupar nesta cena o papel de artista, tocando trompete nos blocos que atuam na Cidade Baixa e Santana (bairro onde moro).

O embarque na Nau da Liberdade neste ano tem oferecido inúmeros e profundos aprendizados do que é ser artista e terapeuta. A riqueza da mescla de dança, teatro, contato e improvisação, música, produção cultural e acompanhamento terapêutico tem sido, por fim, a mais prazerosa e rica experiência que o percurso na residência me trouxe até aqui. Diante disso, o meu TCR vem sendo escrito sobre o percurso do grupo na organização de um bloco de carnaval.

2. Aquecimento

Porto de partidas, encontros e chegadas

Porto Alegre, 14 de abril de 2018

Esta é a primeira narrativa do que irá compor o Trabalho de Conclusão de Residência (TCR). Assim a nomeio por tentar esboçar os desejos, motivos, motes e pistas do que me mobilizaram para escolher temas, abordagens e possíveis metodologias. O exercício sobre a escrita do TCR começou em janeiro, num módulo sobre *Escrita Criativa*, que fizemos em nossa turma ainda como residentes do primeiro ano (R1s). Tratava-se de escrever uma carta para alguém falando sobre as ideias do Trabalho de Conclusão de Residência; depois, o exercício era escrever uma resposta à essa própria carta; num terceiro momento, compartilhávamos a carta com um(a) colega e acolhíamos suas contribuições para, por fim, adaptá-la para ser enviada a quem se interessasse em ser orientador(a), atuando, naquele momento, como um empurrão!

Pois bem, eu já tinha começado a escrever a carta sobre o TCR, desde o início, justo para o futuro(a) orientador(a). Na resposta, me movi por imaginar amigos lendo a carta e coloquialmente conversando comigo ao telefone. No entanto, no momento de concluir a proposta do módulo, hesitei em enviar ainda no verão! Preferi deixar as férias aliviarem os pesos, o sol bronzear as ideias, o sal do mar temperar as divagações, deixar acontecer o primeiro mês deste segundo ano da residência para revisitar esse texto e só então enviar. Este envio aconteceu na primeira quinzena de abril, revisando as cartas já escritas e relatando ao final os devaneios e diálogos que me suscitaram a escolha de um tema.

Durante os meses de janeiro, fevereiro e março me mobilizei muito pelo Carnaval. A prática do trompete me acompanhou todo o ano de 2017, joguei-me nos bastidores da folia dos blocos de carnaval de rua de Porto Alegre: *Bloco da Laje* e *Avisa a Shana que sábado vai chover!* Iniciativas coesas com os combates às opressões que vivemos hoje em dia, que refletem as questões de direito à cidade, pela ocupação dos espaços públicos, promovendo encontros, possibilidades e cidadania (ao enfrentar os desmandos dos governos locais que querem cercear a ocupação das ruas e dos carnavais).

Em março, recebi um convite de colegas que participam da Nau da Liberdade para ajudar a viabilizar uma nova ideia do grupo: também sair em cortejo carnavalesco pelas ruas! Ao receber o repertório proposto pelo grupo, apaixonei-me mais ainda pela proposta e desde

então, venho dedicando energia para contribuir com este processo. Com o cortejo marcado para a conclusão das atividades da Nau da Liberdade na Semana da Luta Antimanicomial: o dia 20 de maio.

Conversando com colegas e amigos que estão espalhados pelo país sobre os Trabalhos de Conclusão de Residência, destaco um diálogo em particular em que uma amiga falava sobre o seu contexto de estar aprendendo sobre o uso dos florais e que envolveu os agentes comunitários da equipe em que atuava num belo processo de cuidado que lhe proporcionou, através do que foi vivido, a escrita de seu Trabalho de Residência: *“era o que a movia”*. Este relato me acertou em cheio com a questão: *afinal, o que mais me mobiliza aqui?* Eis o carnaval de rua!

Logo, pus a relacionar o tema do carnaval de rua com o que já vinha sendo refletido entre os blocos: direito à cidade, ocupação dos espaços públicos, direito ao prazer, à dança, à música. Transcrever estas interfaces a partir do que foi vivido com o grupo da Nau da Liberdade me parece uma ideia desafiadora que tem muito potencial para ser... o que eu buscava ao começar a escrever a primeira carta sobre o TCR: uma produção de conhecimento que fosse um ponto de equilíbrio suficiente, não-exigente, potente, criativo e útil, mas sobretudo, saudável.

Carta à Nau da Liberdade

Porto Alegre, 18 de abril de 2018

Bom dia!

Olá pessoal da Nau da Liberdade,

Lá na Residência que faço, não a residência em que moro, a residência que faço e que mais tempo nela passo do que em casa, estou com a tarefa de escrever uma carta para alguém sobre um monte de coisas que conversamos nas últimas aulas. Acho que já repararam desde o meu bom dia que “eu não sou daqui”, sou da Paraíba, de uma cidade chamada João Pessoa, o mesmo da avenida de vocês, até moro perto dela, a avenida, mas estamos bem longe daquela, a minha cidade.

Foram me chamar e estou aqui: primeiro foi o Bruno, depois a Maria. Conheci o repertório que vocês estavam pensando. A variedade de ritmos, a riqueza cultural das escolhas dos compositores e a temática do mar na grande maioria das canções foram coisas que me chamaram atenção, me convocaram memórias e moveram afetos, me mobilizando o desejo e, em consequência disso, uma pergunta saltou à cabeça: “como assim vou ficar de fora disso?!”

Um tempo depois, rabisquei uma prosa poética (ou uma poesia sem muita rima), recortando e colando as músicas que escolheram, que saiu mais ou menos assim:

*Reconhecer a beleza da maluquice dessa
viagem me fez jogar com vontade a jangada no
mar do marasmo.
Justo nós que viemos de outras terras, outro mar...
com trompete, escaleta e pandeiro, queremos vadear,
com zabumba, repique, e ganzá, queremos musicar!
Aprendendo com tombos de navio
ou com balanço do mar,
encostando os dedos nas labaredas das pessoas,
energias, ondas e sons com afeto e amor.
Botar o bloco na rua, com brincar e gingar, formando uma
roda, juntando mãos com mãos,
é a Nau da Liberdade levantando seu astral,
deixa a Nau me/nos levar,
Oh Abre alas que ela vai passar!*

Eita! Da aula mesmo, mesmo, mesmo eu nem falei! Mas acho que falei... Quando a gente faz um porta-estandarte e coloca na rua, a gente tá fazendo história... Quando resistimos nesses dias sombrios com alegria e folia, estamos reinventando o que chamam da tão mal falada

política... Quando lembramos de Bauru, talvez venham boas e más lembranças, lá estivemos, vimos e vivemos, dias que marcaram história, mas história também fazemos a cada ensaio... Quem sabe é no dia a dia dos CAPS, nos ensaios e na ruas que fazemos mais luta contra os manicômios (os dragões do mar) do que naquelas plenárias... Trazer mulheres negras no repertório é de uma grande importância e se o eco da música na outra esquina da rua atinge outras mulheres negras que não a conhecem...

Pro mode da carta não se alongar, quero logo dizer que vim me convidar, quero com vocês me juntar, fazer sons, cores e caminhar. Os dias, hoje em dia, não nos trazem boas notícias, mas acho que mesmo nesses dias, bons encontros podemos marcar na agenda, revirar nossas vidas em festa, trabalho e pão, por que não? Misturar dança com teatro, passeata com cortejo, loucura com arte que cura coisa que remédio não remede? Mas olha só, não sou de fazer promessa, por aqui vivo muito só, então muitas amigas e amigos não consigo chamar, só espero que seja bom à beça!

Esta cartinha também vou mostrar na minha turma, então vou compartilhar um côco de roda lá da minha terra, que já cantamos no primeiro ensaio que fui, já animamos e dançamos, já adaptamos para que o que era barca vire Nau, muitos beijinhos e xau!

*Lá vem a Nau, chamando o povo,
pra liberdade que se conquista...
Lá vem a Nau, chamando o povo,
pra liberdade que se conquista...*

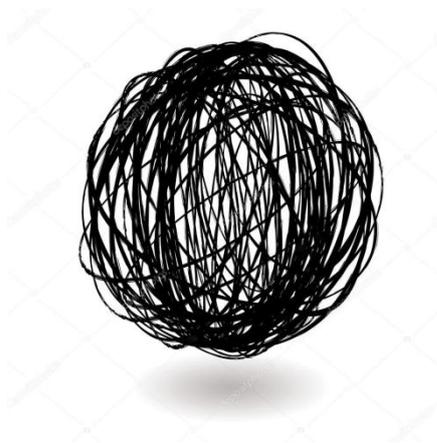
*Venceu o dragão do mar
(Lá vem a Nau)
Venceu a tempestade
(Lá vem a Nau)
Trouxe pra nossa casa
A força da mocidade
Trouxe pra nossa casa
A força da mocidade*

*O mar não tá pra peixe
(Lá vem a Nau)
Na vida da nação
(Lá vem a Nau)
É coisa de poeta
navegar na contra-mão
É coisa de poeta
navegar na contra-mão*

Encontrando o fio da meada da escrita

Porto Alegre, 16 de abril de 2018

Pensei neste título ainda numa madrugada que combustível salpicou os dedos e fez das palavras, pipocas. Chegando em casa, em meio a dispersão d'um ócio que me deixava na encruzilhada entre o banho e a janta, procurando o fio da meada da escrita, me lembro de uma imagem simbólica: aquela cobra que come o próprio rabo... descubro ser *Oroboros*, criatura mitológica que permeia culturas ancestrais de povos de todos os continentes, símbolo de eternidade e criação, mudança, tempo, evolução, destruição, renovação...



Ora, como é mesmo encontrar o fio da meada de um entrelaçado de pessoas, histórias, territórios? Teria sentido achar uma ponta solta? Há inúmeras ou nenhuma ponta a se puxar? Ou, como entrelaçar os dedos sobre os nós dessas redes de afetos, construções e destruições, enlaces e rompimentos? Perguntas que saltam vide os relatos sobre os caminhos e descaminhos que a Nau já percorreu desde seu surgimento. Passos, tropeços, quedas, recomeços que são processos e que também tanto enxergo em minha trajetória nessa Porto, ao me observar entrando nesta Nau. Antes desses escritos, mais na prosa, compartilho uma poesia que escrevi assim que li sobre o *Oroboros*, e de como percebi que a escrita estava se infiltrando em meu cotidiano pelo quarto dia seguido:

*A escrita...
pode ser brisa,
também ventania,
tempestade que aterroriza,
e chuva fininha,
você começa num chuvisco,
logo pode virar imensidão,
trazendo verde e destruição
e criação.*

Resgato alguns trechos presentes nas narrativas do Acompanhamento Terapêutico que me fixaram a memória, narrei um pouco sobre processo criativo e percursos nos territórios, com músicas que marcaram o ano passado.

[...] Me pus a pensar sobre o que seria uma narrativa, mergulho às cegas em vídeos e referências indicadas no início das itinerâncias. Eis que chego à Walter Benjamin. Ao falar sobre narrativa, da faculdade de intercambiar experiências, ele reflete que há duas famílias elementares de narradores, não distintas, pois interagem: a do camponês e a do marinheiro. De imediato emerge um mergulho dentro do mergulho - quem sabe uma cambalhota - que me leva a duas músicas que marcaram as idas e vindas desse segundo semestre.

*Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar*

Paulinho da Viola - Timoneiro

Esses versos rechearam a estadia nesta cidade com nome de Porto: trilhei diversos caminhos que deram passos entre vielas de vilas e grupos de grupos, percorri salas de consultórios, auditórios, praças, ruas, entre tantos outros espaços, carregando comigo intenções e ações de nadar contra a maré. Me vi em tombos e correntezas, mas também marolas e levezas. Com pulos e ritornelos, esta música-dança imersiva - que em poucos momentos tocou no chão ou a todo momento não saiu dele, a depender de como se olha e onde se pisa. Se territorializa, desterritorializa e reterritorializa, sem delimitações nítidas, em permanente mudança advinda do cotidiano. Este cotidiano também foi atravessado pelas experiências de outro campo de estágio, seminários formativos, viagens à fóruns acadêmicos, vivências em outras cidades, encontros de movimentos sociais, blocos carnavalescos, atos públicos de trabalhadores e, por que não citar, a boemia porto-alegrense.

A segunda música me remete ao campesino, ao reconhecimento da fala que parte da melancolia de um cotidiano de conflito com natureza - assim como o marinheiro - que se ouve com prazer e reconhecimento sobre suas histórias, tradições e calos nas mãos.

*“Campesino, cuando tenga la tierra
sucederá en el mundo el corazón de mi mundo
desde atrás de todo el olvido secaré con mis lágrimas
todo el horror de la lástima y por fin te veré,
campesino, campesino, campesino, campesino,
dueño de mirar la noche en que nos acostamos para hacer los hijos,
campesino, cuando tenga la tierra
le pondré la luna en el bolsillo y saldré a pasear
con los árboles y el silencio
y los hombres y las mujeres conmigo”*

Mercedes Sosa - Cuando tenga la tierra

A marcante e inconfundível voz de Mercedes Sosa nesta canção grita. Imperativa necessidade a quem rema contra a maré, diante de tamanhas reações, ao enxergar horizontes utópicos de uma sociedade sem exploração de classes, opressões de gênero, raça e sexualidade, me surgem umas paráfrases... e com os chamados loucos?

*loucos, quando tiverem o cuidado,
o coração do meu mundo sucederá no mundo todo,
por detrás de todo estigma, secarei com minhas lágrimas,
por todo o horror dos chãos com grades, e por fim, nos veremos,
loucos, loucas, louco e louca,
donos do mirar do que é ou impossível ou utopia,
nós teremos direitos que são apenas direitos,
loucos, quando tiverem cuidado,
botaremos sóis e luas, reis e rainhas, no bolso, e sairemos a dançar,
com árvores e os silêncios,
e homens e mulheres comigo.*

Por que misturar poesia e prosa? Por que atravessar nuances externas ao objeto de trabalho como a própria vida de quem aqui narra? Benjamin nos ajuda a refletir sobre a narrativa não estar interessada em transmitir puramente o “objeto” em si e este texto reflete um salto e um mergulho para as situações vividas e a vida de quem as narra, com afetações e alusões a poesias e músicas, bem como citações a artigos e capítulos de livros.

Entre os tantos textos que foram abordados, um que foi comum entre disciplina e residência foi a Nau do Tempo-rei. Em seus parágrafos iniciais fala de uma explicação judaica sobre a criação no mundo que, diferente do *Gênesis* cristão (que cria o mundo num instante do dizer uma frase), nesta outra narrativa relata-se que vinte e seis tentativas existiram até haver uma aposta, um desejo, uma torcida: “*oxalá que se sustente!*”. O autor relaciona isso com a loucura, no contexto da disciplina, e da atuação no AT vemos várias nuances de semelhança entre tentativas, fracassos, passos à frente, aos lados e atrás. Entre

os caminhos das vilas e de instituições psiquiátricas, hospitalares e de saúde mental, um dos casos me inspirou um poema que segue abaixo:

*Um processo criativo propicia o cativar?
Pois, o que será essa oportunidade da criação
do que é a própria existência
ao ativar memórias, resistências e resiliências
cessar os pregos, cadeias, manicômios e correntes
procriando precedentes
preparando novos mundos
na ação do agir da imaginação.*

Outra música que emerge da memória, é uma música do Gilberto Gil:

*A violência, a injustiça, a traição
Ainda podem perturbar meu coração
Mas já não podem abalar a minha fé
É
Pois eu sou e Deus é
E disso é que resulta toda a criação
É
É*

...

*A impotência, o medo, a perda da razão
Ainda podem ser fantasmas para mim
Pra mim, pessoa: corpo, sensação, pensar
É
Não pra mim como ser
Que não tive começo e nunca terei fim
É
É*

Gilberto Gil - É

O início-criação sendo passado-presente-futuro de tentativas e frustração, traz a imagem de contornos de círculos que não se fecham, assim formando espirais, correntes, ou mesmo cones e cilindros. Curvas, retas, rasuras, compõem esse tracejado de acompanhamento feito à várias mãos. As violências, as opressões e a exploração são elementos fundantes-constituintes de nossa sociedade que, ora quebram esse lápis, ora o apontam para mais escritos-vividos ou a reproduzir os atos de violência em instituições e no Estado.

A constância no cotidiano cresce junto com o amadurecimento do vínculo, assim como ocorre com o alargamento dos tempos do acompanhante aos tempos do acompanhado.

Esses processos vão preenchendo folhas e folhas de papel em branco, o tema inicial pode se desabrochar nos primeiros encontros (ou não). Assim como num *jazz*, o tema é elaborado com improvisos, mudanças nos tons, no ritmo, oferecendo destaques a certos timbres em momentos combinados (ou não). O que remete ao conceito de *ritonerlo* do Deleuze e Gatarri, como mostra o Rafael Trindade (2017). Isso pode ser visto desde o *jazz* do John Coltrane (Blue Train) ou no afro-caribenho *ska* dos Skatalaties (Guns of Navaroon). Diferentes colorações sonoras que podem servir de plano de fundo da continuação da leitura...

O *tempo* foi uma temática bastante recorrente, seja no cotidiano, seja em situações-limite. Inspirados por Pelbart (1993), percebi certos silêncios e não-ditos que faziam o tempo diminuir e pesar, meu olhar me fazia sentir como se tentasse barrar uma correnteza com a mão, senti-la atravessar os dedos, que geram atravessamentos e turbulências, ondas e relevos. Proporcionar esse ponto de colocar a mão na água é como tentar se situar onde começa o tempo: *“deixar jorrar o tempo para que possa surgir um bom momento de se fazer alguma coisa”*. Essa sensação se fez presente na minha atuação no “AT na rede”, reconhecendo certas dualidades, ciclos e ritornelos de cada uma daquelas pessoas, portas giratórias que transitam entre violência e carinho, ousadia e medo, enfrentamento e acomodação, subversão e obediência, defender sobriedade e ebriedade, estar em uso substâncias lícitas e ilícitas, crônica de morte anunciada ou poesia de nascimento, estar no controle ou à deriva: estar à bordo da Nau do tempo-rei.

Propiciar um espaço protegido, com vínculo e empatia, numa tentativa de clínica que tenha o protagonismo com um cantar de abre-alas a um porta-estandarte, proporcionar momentos que se sintam como estar sem pressa mas com hora para chegar na avenida, que sejam possíveis os passos, pulos, golpes, bater de palmas que significam as iniciativas, as decisões, os agenciamentos. Como inspira o levantar de poeira de Geraldo Vandré na música Hora de Lutar:

*“Vem de longe, não tem pressa
mas tem hora p'ra chegar
[...]
abram alas, batam palmas
poeira vai levantar
quem sabe da vida espera
dia certo p'ra chegar
capoeira não tem pressa
mas na hora vai lutar
por você... Por você...”*

Geraldo Vandré - Hora de Lutar

Esse levantar poeira em pisadas e bater de palmas traz uma bela imagem de como uma rede de cuidados pode se colocar e oferecer direitos a uma pessoa. Nos víamos em uma rede a cada momento que tensionávamos os fios de vínculo que guiavam cada um dos serviços de saúde, assistência social e cultura que circulavam os acompanhados. Esta rede tortuosa, com fios de diferentes resistências e elasticidades, ora resistindo na autonomia das iniciativas de vida dos usuários, ora sendo suporte aos pesos e balanços que as circunstâncias da vida se transcorriam, ora buscando os tradicionais mecanismos de interdição, internação, hospitalização, abrigagem, etc. Dispositivos e ações que a experiência nos mostrou necessárias a situações singulares de cada caso, processo imbuído de contradição frente à luta antimanicomial, carregada da continuidade de um horizonte onde redes informais de cuidado junto com articulação com outros serviços públicos, além da saúde e de ação comunitária nos bairros possam oferecer o quanto seja possível um cuidado em liberdade e no território. [...]

Agora, trago a minha frente um pequeno livro do Máximo Gorki, que peguei por empréstimo do CAPS em que hoje estou atuando, cujo título é: *Como aprendi a escrever* (1984). Este título pulou aos meus olhos e logo estava em minhas mãos, andando comigo aonde eu fosse. A nota de seu tradutor o identificava como alguém que não sucumbiu ao pós-modernismo, isso atinge o centro de uma de minhas trans-territorialidades, vindo de uma trajetória marxista, com flertes no Foucault desde a graduação, numa residência que mergulha em certos autores esquisitos ou mesmo esquizos(analistas). Contudo, de um russo da virada do século passado, que trouxe ao mundo a experiência do socialismo real da Rússia, vem a pergunta:

“Por que surge o desejo de escrever?”

No momento da leitura deste trecho, lembro que isso me fez rir, largar o livro, e começar a pensar, com olhares perdidos ao meu redor, que coisa curiosa encontrar justo a palavra que me causava tanta estranheza, o tal do desejo, que não via nos textos que lia até então. A segunda pergunta eleita pelo autor é:

“O que se pode escrever quando se vive uma existência de miséria?”

Outro trecho mais adiante, dito que é de um correspondente do autor, um trabalhador de setenta anos, veio dar resposta à pergunta, trago como destaque:

“Tenho tantas impressões que simplesmente não posso deixar de escrever”

Gorki constrói uma síntese de que o desejo de escrever não teria sua origem na pobreza da vida, mas sim em suas riquezas. Mais adiante, o autor, ao falar sobre o *escritor*, aborda que este é o ouvido, olhos e coração de seu país e de sua classe, a voz da época a qual pertence. No final deste escrito, arremata que todas as nossas ideias nascem do processo do trabalho, que o pensamento viria depois do ato, firma como sagrada a capacidade de indignação do *homem - se insere a mulher, imagino eu* - e a insatisfação consigo mesmo e os esforços para ser melhor do que é. Rabisquei ao lado: seria o *dever*?

A partir daqui dialogo com a sua carta de resposta, emendo o rabisco acima: que proximidade há com a produção de vida? Vou encontrar mais nós dos meus *emaranhados* nos rizomas? Vasculho no momento os autores que propusesses: Oitica, a Estética da Ginga e da Existência... estou capturando os documentos disponíveis na *internet*.

Abraços.

Costurando o estandarte do encontro com a autoetnografia

Entre passeios e cafés, me é anunciado um caminho a percorrer metodologicamente na construção do Trabalho de Conclusão de Residência, algo chamado de “autoetnografia”. Alguns nomes são lançados ao léu e minhas dúvidas chegam aos céus. Ao mesmo tempo que sinto na cabeça um gosto de curiosidade: seria isso o que eu queria?

As primeiras buscas chegaram a produções que surgiram como luvas à mão, algo sobre etnografia e pesquisa em arte, sobre dança, sobre samba. Quem sabe finalmente me vejo dando passos nesse nó (fictício) que é tão difícil de desatar por minha trajetória no campo de abordagens qual-quantitativa em meu mestrado acadêmico.

Uma primeira produção que escolhi para trazer aqui é uma resenha do “*Handbook of Autoethnography*”, de Adams e Elis (2013), que trazem uma síntese de cinco chaves para a construção de uma autoetnografia. São elas:

- visibilidade para si: tornando o pesquisador visível no processo;
- forte reflexividade: representa a reciprocidade entre o pesquisador e os outros membros do grupo;
- engajamento: clama-se pelo engajamento pessoal como meio para entender uma visão crítica da realidade;
- vulnerabilidade: a proposta é bem-sucedida quando é evocativa e emocionalmente tocante, trazendo as fraquezas, forças e ambivalências do pesquisador;
- rejeição às conclusões: se resiste à finalidade e fechamento de concepções, pois se concebe como algo relacional, processual e mutável.

As escritas autoetnográficas podem ter diferentes características. A imaginativo-criativa seria a mais experimental, com poesias e diálogos performativos. A confessional-emotiva busca provocar emoções ao leitor e são pessoais, rompendo assim paradigmas da escrita científica. A realista-descritiva se assemelha a uma narrativa, trazendo ao leitor uma reconstituição da realidade abordada. Por fim, a analítico-interpretativa é uma abordagem acadêmica mais frequente nas pesquisas das ciências sociais e tende a ter suporte de análises e interpretação.

Com isso, vejo que esta produção será feita como um artesanato de costura entre diferentes escritas abrangendo essas diferentes características, que ora se misturam, ora se intercomunicam. Os primeiros escritos em formatos de cartas trazem aspectos confessionais; a composição de poesias e do próprio cortejo de carnaval, que atravessam os relatos trazem a imaginação e a criação. Também há relatos que se traduziram à escrita de maneira mais pontual,

explicativa sobre a sucessão de fatos e encontros. Os esforços de trazer alguns nomes como o de Lélia Gonzalez (por exemplo) procuram subsidiar e interpretar o desenvolvimento deste trabalho.

Originalmente das ciências sociais, em especial da Antropologia, a autoetnografia vem há tempos rompendo diversas barreiras disciplinares. É também trabalhada no campo da educação, saúde pública, artes, dança, entre outras áreas. Nesta última, em destaque por Dantas (2016), os trabalhos etnográficos da dança são ancorados no próprio corpo e na experiência do corpo. Ora, este trabalho, que aborda a expressão carnavalesca, também se ancora nesse corpo carnavalesco que está na rua, com cores, ritmos, sons, canções e óbvio, também com dança.

Ao debruçar-me sobre uma produção de uma revista acadêmica do Teatro, me encontro com Fortin (2009), num texto traduzido ao português. Ele expõe uma miscelânea de conceitos que podem servir para ilustrar e desenvolver a proposta deste trabalho. Ao trazer os *campos de prática* ou *cenários metodológicos*, podemos perceber que as praças e parques da cidade ocupam esse lugar de situar onde que se está atuando, sendo em si, um mutável sincretismo de horizontes de como se enxergar e utilizar esses espaços. Para uns, que ali se reúnem, é um lugar para ensaio; para outros, é um passeio ansioso e aguardado, é cenário para praticar atividades físicas ou mesmo fotografias; para alguns que cruzaram o tempo-espaço dos encontros, o parque-praça-rua era sua própria casa.

A natureza da “coleta dos dados” dessa pesquisa se aproxima das pesquisas artísticas trazidas por essa autora. Ao tratar como uma *bricolagem metodológica*, se aproxima de uma etnografia que ultrapassa as amarras das metodologias convencionais. Ao ler trabalhos realizados sobre o carnaval ou sobre o grupo Nau, misturando-os às anotações pessoais, por se debruçar na escolha do repertório, refletindo as escolhas das músicas, a estética do mar enaltecendo as cirandas e sua brincadeira, uma observação participante ativa e engajada compõe essa invenção de criar algo sobre um processo criativo, esse processo vivido e aqui exposto, nessa salada de escritas.

A dupla função da pesquisa artística também atravessou minhas reflexões, entre dedicar os turnos disponíveis para a prática instrumental - ou agenciar a produção cultural, ou aprimorar os arranjos do grupo, ou compor as artes gráficas, ou mobilizar serviços de saúde, ou impulsionar as publicações nas redes sociais - e escrever sobre tudo isso gerou um conflito.

Na sua experiência autoetnográfica, Dantas (2016) coloca que a observação é uma das mais importantes formas de produção de informação, assim, é uma atividade mediada, instrumentalizada e retrabalhada pela escrita. Visto isso, refletindo com a experiência dos ensaios até o cortejo, a escrita me mobilizou a diversas ações e sensações, me senti empoderado

e engajado em alguns momentos, enquanto outros me levaram a ter fôlego em debruçar mais energias nos ensaios pessoais. A escrita sobre o processo também me levantou alertas e precauções, como ter o esforço de imprimir o repertório, para os tocantes poderem ter fácil acesso às músicas em seus ensaios pessoais e na hora do cortejo. Também me ocorre da devida atenção a realizar demarcações políticas, por meio de jograis, no meio do cortejo, que também foi um vislumbre que me aconteceu no meio das escritas e leituras deste processo.

As produções textuais a seguir seguem diferentes formatos - cartas, diários de campo, ensaios teórico-reflexivos - e são, por si, a matéria-prima que será explorada nas categorias dos Inimigos do fim que, reunidas, compõem o relato vivo do trabalho coletivo de construção do Bloco Nau da Liberdade.

3. Repertório

Tanto mar... tanto mar? Como assim? Que reencontro!

Porto Alegre, 15 de abril de 2018

Os primeiros contatos com a Nau, neste momento, foram por meio de aplicativos de mensagens: constituímos um grupo para comunicação exclusiva para quem estaria implicado. Por meio de um colega (Bruno), tive acesso a esse grupo e, com isso, ao repertório escolhido pela Nau. Pelo que senti das mensagens, o repertório tinha sido decidido em reunião, há algum tempo.

O repertório, já mencionado na carta à Nau, me gerou várias conexões introspectivas, ao perceber que joguei a jangada contra as ondas do marasmo que me cercava, com obstáculos que facilmente me dificultariam essa atuação devido à carga de trabalho da residência em si, a somar os desgastes pelo deslocamento a outra cidade em que hoje estou trabalhando (São Leopoldo). Reconheci a beleza dessa maluquez e soube aprender mais sobre loucura nessa viagem, logo eu que vim de uma terra com mar, justo um território cultural e afetivo muito ligado à ciranda, enfim, foi como uma forte onda que me acertou, e logo me arrastou para um abraço.

“É a primeira vez que saio de casa no sábado!”

Porto Alegre, 16 de abril de 2018

O primeiro ensaio da Nau em que estive presente foi no dia 7 de abril, na semana passada. Não consegui escrever logo depois, por isso o escrito do que foi vivido será de alguma forma reduzido.

Marcamos o ensaio no Parque da Redenção, próximo a um auditório, que é ponto de encontro de ensaios dos blocos que já transitei. Eu estava bastante ansioso, tinha passado as últimas duas semanas escutando, dedilhando e anotando as músicas desse repertório. Estavam anotadas à mão em quase uma dezena de folhas de ofício, estavam guardadas numa grande sacola azul de tecido, pendurada ao ombro, num amassado bonito de ver, junto ao trompete, pandeiro, lápis, borracha e uma pequena caixa de som; a minha escaleta azul-verde-claro estava em seu estojo de plástico de mesma cor, em outra mão. Aguardava pacientemente no banco do parque, olhando o movimento das pessoas, de costas pro movimento dos carros, com as mãos entrelaçadas ao colo. Contemplava também a copa das árvores: o clima naquele dia estava muito agradável, várias pessoas caminhando sozinhas, em duplas, em grupos, com cachorros; outros grupos de pessoas ensaiando trompetes e trombones.

Em meio à espera, caminhei até eles para convidá-los para o bloco que logo mais ensaiaria ali. Houve confirmações e semblantes de apoio, mas não se traduziram em presenças, ao menos nesse dia. Eu teria chegado uma hora antes, mas como estava sem celular, acreditei que estava marcado às duas, quando, na verdade, estava às três.

As primeiras pessoas chegaram de bicicleta, era a Maria, com quem vinha conversando nos últimos dias, figura da dança que há algum tempo contribui no grupo. Estava acompanhada de sua filha pequena, faria 2 anos em breve, chamada Consuelo, que resistiu um pouco no início de sair de sua confortável cadeira. Maria trazia consigo um tambor, nas costas, com a correia laçada em seu corpo.

Logo depois, chegaram a Sandra e o Diego. Já os conhecia das mobilizações do 18 de maio e da ida ao Encontro de Bauru e nos cumprimentamos alegremente. A Sandra carregava um grande *skate* e reclamava, em tom de brincadeira, mas com uma feição séria, sobre ter trazido ele. O Diego cumprimentou a todos, estava muito sorridente e comunicativo, andando pelo amplo espaço que tínhamos ao redor, com a Consuelo que agora já tinha saído da bicicleta e também brincava com as folhas secas do chão.

Entre conversas e risadas, fomos nos sintonizando para começar a cantar. Fizemos uma roda, alguns sentados, outros de pé, e decidimos juntos começar pela canção que estaria mais bem cantada pelo grupo, que seria a de Dorival Caymmi. Esta música faz parte do repertório mais recente de apresentações do grupo, que possui também uma coreografia.

Questões musicais e grupais logo surgiram. A Maria puxou à frente a canção e os outros a seguiram; por ela estar tocando ao mesmo tempo, num ritmo de ciranda novo que a tinha ensinado, ela cantava menos e isso fez o grupo ter que colocar mais força em sua voz, com mais empenho. Também percebemos que eu havia transcrito a música no tom do Dorival, que é diferente do da Maria e do grupo e logo fiz ajustes no papel e recomeçamos a canção. Eu toquei escaleta nesta música, o timbre soprado e agudo trazia uma sonoridade muito peculiar, que todos elogiaram; alguns falaram que soava como um lamento, outros como tristeza. Repetimos algumas vezes, atitude necessária em ensaios, mas que parecia não ser utilizada pelo grupo, porém, como a novidade do novo timbre me parecia animar a todos, não percebi nenhuma resistência a isso.

A segunda música tocada foi a *“Peixinhos do Mar”*. Também tivemos que interpretar o tom que cantavam e novamente precisei de um tempo para rabiscar a mudança no papel, para então começarmos a cantar. Era muito interessante observar a reação das pessoas que passavam: neste momento, três pessoas, que pareciam ser uma família, passaram sorrindo para nós e continuaram a caminhada cantarolando a canção, um morador de rua passou também, com a mesma atitude e reação.

Continuamos o repertório da maneira que eles apresentaram, com certa coesão sobre o aprender a nadar, a próxima música era *“Marinheiro Só”*. Logo larguei a escaleta e saquei o pandeiro, pois esta era uma ciranda que eu conhecia: cantava, batucava e dançava. Emendamos com a *“Cirandando Nau”*, de que não conhecia a versão adaptada por eles, em paródia, e me coloquei em silêncio e sentado para assistir ao pessoal me explicar a canção e a dança. Depois deste momento, dispersamos um pouco, alguns foram atrás de lanches, sucos, água, ir ao banheiro. Nada combinado, ou com horários, tudo espontâneo.

Sentei ao chão e folheei minhas anotações, encontrei a única folha que continha a letra de uma música, pois era uma proposta minha que trouxera ao grupo. Trata-se do *“Mote do Navio”*, canção popularmente conhecida nas rodas de côco, especialmente de João Pessoa, por seu ator ser de lá, o Pedro Osmar. Essa música tem uma questão especial a ser dita: assim que cheguei em Porto Alegre e ouvi falar da Nau da Liberdade, lembrei dela, chegava a suspeitar com muita incerteza que o nome do grupo fosse derivado dela. Dias antes do ensaio, tinha enviado à Maria, que tinha adorado a música e falou que não tinha conhecido ainda. Com todos

reunidos, pedi a atenção, expliquei o nome, origem e disse que era uma proposta ao grupo. Reforcei que no côco, (assim como na ciranda), o coro repete ou responde os versos da primeira voz. Comecei a tocar o ritmo por um tempo em silêncio para ir sentindo as reações, que foram dançantes e animadas, e então comecei a cantar e todos respondiam, foi um momento muito singelo. Cantamos nesta adaptação:

*Lá vem a Nau, chamando o povo,
pra liberdade que se conquista...
Lá vem a Nau, chamando o povo,
pra liberdade que se conquista...*

*Venceu o dragão do mar
(Lá vem a Nau)
Venceu a tempestade
(Lá vem a Nau)
Trouxe pra nossa casa
A força da mocidade
Trouxe pra nossa casa
A força da mocidade*

*O mar não tá pra peixe
(Lá vem a Nau)
Na vida da nação
(Lá vem a Nau)
É coisa de poeta
navegar na contra-mão
É coisa de poeta
navegar na contra-mão*

Uma das pessoas falou que a música falava da história deles e que a saída do Hospital Psiquiátrico seria a imagem de vencer o dragão do mar, na letra da música. Outra, disse que podíamos também adaptar a letra, como na ciranda. Outro relato marcante foi de que naquele dia “*era a primeira vez que tinha saído no sábado*”, eu e Maria nos entreolhamos com espanto e alegria e ela respondeu: “*que maravilha! Isso é a Nau da Liberdade!*”

Quando pausamos e começamos a conversar, já nos víamos cansados e o ensaio teria sido produtivo. A hora avançava, as pessoas que moravam em Novo Hamburgo já pegavam suas mochilas e se despediam, enquanto eu também guardava os instrumentos que levava. A maioria permaneceu ali para curtir o parque, caminhamos até o encontro de um ensaio de uma bateria de samba, chegamos a nos aproximar e fazer o convite, eram estudantes de medicina, mas apenas alguns demonstraram interesse em escutar.

Era o final de semana da chamada *Virada Sustentável*, evento realizado em comemoração ao aniversário da cidade. Haveria show de um grupo de cultura popular só de

mulheres, as Três Marias, que todos conhecíamos e, portanto, nos animamos para ir assistir. Foi um ótimo momento para fortalecer os vínculos ali enraizados, partilhar as impressões, expectativas e desejos. Enfim, um dia de leveza que demarcava o início de minha inserção.

Neste final de semana, cheguei a ir novamente, às 14 horas, para o mesmo lugar, mas também transitei até o Viaduto do Brooklyn, que seria o plano B, em caso de chuva (no momento estava nublado). Como estava sem celular, não consegui me comunicar com quem estivesse ali. Infelizmente não encontrei ninguém, ainda não sei até o momento se alguém foi. Voltei para casa sentindo tristeza, mas refletindo reverter a energia no início da escrita. Ora, ora, já temos três misturas de carta e diários de campo e, agora, pela hora me despeço.

Ensaio das fumaças e dos vazios

07 de maio de 2018

Segunda-feira, depois de um dia longo e extenso de trabalho, saio do restaurante universitário continuando a pensar em como seria o primeiro ensaio ampliado, que foi amplamente divulgado e mobilizado, do Bloco Nau da Liberdade. Sentia-me recheado de medo, ansiedade e, ao mesmo tempo, animação, além de uma sacola com uma caixinha de som, pandeiro, escaleta e trompete.

Chego e visualizo quatro pessoas do grupo de teatro, que ansiosamente esperavam, por acreditar que o ensaio seria em outro horário. Havia um evento no auditório do parque e próximo de nós havia ambulantes vendendo churrasquinhos que esfumaçavam nosso encontro. Dentro de aromas de carnes, à luz de uma noite de céu aberto, vento firme e frio, aguardamos a chegada do pessoal dos blocos. Saco o celular e vou relembrando em alguns grupos de mensagens que havia mobilizado: apenas uma pessoa dos blocos chegou e sem instrumento, pois estava no concerto.

Outras pessoas que já tinham ligação com o grupo chegaram. Entre conversas soltas, risadas e aflição, nos entreolhamos, concordando que era hora de começar algo e, desatinadamente, peguei o pandeiro e lancei a ideia de nos atermos às percussões e lançar cantos às cirandas. A proposta foi aceita e cantamos todas as cirandas, inclusive adaptando outras músicas a este ritmo.

Diversas ideias foram surgindo para a composição da peça de teatro do grupo. Isso me deixou bastante animado com a vivência em ato e espontaneidade do processo criativo, que já foram alvo de minhas divagações. Agora em um processo grupal, em que se acolhem contribuições das mais diversas, como um verso fora do tempo poder gerar uma improvisação de um novo refrão, como a desafinação e erros técnicos sendo encarados de maneira simplesmente humana, como parte natural desse processo de tentar fazer arte. A diferença fica fora do tempo ou desafina - no nosso modelo social capitalista, objeto do mercado das práticas biomédicas hegemônicas, porém isso era produção de vida, na sua diversidade fundante nessa experiência. A fumaça me simbolizava a marca desta noite, entre os vazios dos grupos e os pedacinhos de vazio assando ao fogo, uma singela noite de criação e construção coletiva foi vivida. Ao sair do ensaio, a palavra *ensaio* martelava em minha cabeça, comecei a recitar uma poesia em improviso, que já não está a mesma coisa, mas estava no sentido desse desafinado tom:

*Ensaio**Exercício do recriar**Precipício do novo**Experiência do antever**A sensação da apresentação**Tatear a repetição**Revelando o que não se vê**Na quebra de cascas do novo**Do que se impõe a gerar**Do que outrora era vão*

O Cortejo

Porto Alegre, 05 de junho de 2018

Escrevo esta carta muitos dias depois do cortejo. Quem sabe por uma típica procrastinação, quem sabe por um ímpeto desejo de que - “amanhã será maior” - as próximas saídas dos blocos serão ainda mais fortes. Ontem, rabisquei ideias do que poderiam virar temas, parágrafos ou páginas. Hoje, lembrei dos *haikais*, então resolvi pegar cada título e transformar em um destes textos ou em algo próximo. Poemas curtos, originalmente sem rimas, tendo métrica própria, podem ser disparadores, das imagens, gostos e sons do memorável dia do cortejo da Nau da Liberdade no mês de maio da luta antimanicomial.

O nublado

Um tal nublado cinza
com a tempestade que se avizinha
talvez só traz gotinhas

O vai e vem na praça

A praça já não é a mesma praça
O banco também é cama
também é palco

A debandada

Disparada de passarinho
Assusta mesmo pianinho
Ou encanta devagarinho

Sobre a sede na pesca

Pesca sem anzol
Deixa língua com sede
“Latão, Polar ou Skol!”

O esquenta

O esquenta da melodia
vem da boca
O esquenta do ritmo
vem da pele

(não) Maestria

Uma troça sem maestro
Evoca olhos quase ambidestros
Cima, baixo, puxa e vai

Embaixo do viaduto

Embaixo do viaduto
havia um bloco
não era de concreto

Espontâneo Instantâneo

Naufrágio em praça pública
De regras e planos
Só boia o espontâneo

Que viagem dos italianos é essa?

Porto Alegre, 04 de junho de 2018

Escrevo esta carta para sintetizar as impressões e dúvidas que surgiram e me cercaram no contato com o que me parece ser um “acontecimento”, ocorrido há alguns anos, com a vinda de uma trupe de artistas e loucos da Itália a esta Porto Alegre. Se debruçar sobre isso me parece importante pois, pelo que entendi, disso derivou o surgimento do grupo Nau da Liberdade.

Entre conversas com Sandra e Maria, fui sentindo o cheiro e ouvindo - nas entrelinhas do dito - os estalos do quão transformadora deve ter sido essa experiência. Sei que há alguns escritos por aí disponíveis. O primeiro contato que tive com esta experiência foi através do filme “Arte da Loucura”, um filme de Karine Emerich e Mirela Krueel, com a *Accademia della Follia*. Realizado em 2014, muitas de suas filmagens ocorrem no Hospital São Pedro. A imagem da capa do DVD é azul e traz a



imagem de um casal, um homem e uma mulher, e ela está de braços abertos como num voo, levitando em relação à posição do homem que, de braços também abertos, não se sabe se está lançando-a ao ar ou abraçando-a para contê-la/capturá-la/protegê-la.

Um tropeço curioso que me fez rever o vídeo, depois de passados alguns minutos, foi a necessidade de inserir as legendas. Pois, não esperava trechos em outra língua (no caso, italiano). Outro tropeço curioso foi, após o filme, procurar na internet: “como fazer a crítica de um filme”, chegando à um tutorial básico e elementar, me perco e sinto vontade de assisti-lo novamente.

Entre o frio, o vinho e um banho quente, as impressões mais racionais do filme escorreram pelo ralo. Sinto pesar em deixar para assistir novamente o filme em outro momento. Entre os vapores e calafrios, me surge uma poesia. Ao sentar no computador, ela derrama por inteiro de uma vez só, e aqui compartilho:

Navegando-entre-portos

*O que é navegar?
O que é estar entre?
O que é ser porto?*

Navegando-entre-portos...

*Lugar de forasteiro
Estadia de estrangeiro
Fuga de paradeiro
Coisas no estaleiro*

Navegando-entre-portos...

*Estar a muitas margens
Ter medo de miragens
Contemplar paisagens
mesmo com pesos das bagagens*

Navegando-entre-portos...

*Trilhar sem armas
Navio sem balas
Ser/Estar em seguro
no olho de um desassossego
que vai e vem... vai e vem...*

Discorrer

verbo transitivo indireto
Falar ou expressar suas ideias através do discurso oral ou escrito; dissertar, expor.
verbo intransitivo
Expor alguma coisa oralmente; discursar.
[Antigo] Passar o tempo; decorrer.
verbo transitivo indireto
[Antigo] Andar sem saber para onde.
verbo transitivo direto
[Antigo] Viajar para muitos lugares.
verbo transitivo indireto e intransitivo
[Antigo] Usar a imaginação; devanear.

Trago uma produção textual que fiz na Narrativa da atuação, no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Capilé, serviço onde atuei durante o ano de 2018 e que chegou a convidar alguns usuários e trabalhadores para os ensaios, infelizmente, sem gerar uma vinculação. A Narrativa é uma produção aberta, realizada semestralmente no percurso formativo da residência. A minha abordagem foi recorrer a verbos que me surgiram por associação direta, procurar seu significado em um dicionário e falar sobre alguma situação, processo e a própria vivência como residente no CAPS Capilé. O texto segue, abaixo, da maneira que foi apresentado à equipe:

Poderia discorrer sobre o atravessamento do Carnaval neste percurso formativo de muitas formas. Poderia expor algumas sucessões de fatos, apesar de não saber por onde começar: se desde o que me fez chegar aos blocos de carnaval, ao grupo Nau da Liberdade, ao trompete, ou mesmo desde que me fez chegar à Porto Alegre. Poderia delongar o decorrer da leitura de quem chegou até aqui por mais uma lauda. Mas, começarei desses significados antigos, ditos no dicionário, que me aproximam do que foi o percurso junto com a Nau e o Carnaval. Discorrer sobre o andar sem saber para onde expressa bem os encontros e desencontros proporcionados pelas tentativas de aproximar trabalhadores e usuários do Capilé. Discorrer pela imaginação me leva a compartilhar a letra do samba enredo que criamos juntos, numa viagem para uma apresentação numa cidade do interior.

Caixa guarda
guarda-volume
Guarda gente
Guarda corpo

Caixa guarda
guarda-volume
Guarda gente

Guarda morto

O hospício guarda
o hospício-caixa

Eu não me encaixo
Eu não me encaixo
Eu não me encaixo

O devaneio apresentado nessa letra partiu de um dos ensaios em que experimentamos nosso corpo em movimento por um jogo da dança contemporânea, em que, ao tatear em nosso redor, nos perguntamos: “*quem é você na sua caixa?*”. Surgiram mímicos, bonecas, churrasqueiros e, obviamente, quem saísse da caixa, correndo dela ou a pegando pelas mãos e balançando, como se estivessem à deriva no mar.

A composição em música surgiu dentro/através do calor do couro do pandeiro, que já estava no enésimo samba. Com melodia simples e de refrão grudento aos ouvidos, o *não se encaixar* se repete, para talvez se demarcar para além das caixas-normas-diagnósticos que a sociedade imprime sobre as pessoas; as dores, angústias, tristezas e revoltas podem se transmutar em alegria, riso, folia e resistência.

Qual caixa teria capacidade tamanha de guardar gente, corpo e ainda guarda-volumes? Ou ainda, que caixa tem habilidade para guardar pessoas como objetos? A institucionalização do/no manicômio que há tanto tempo se debate no campo da psiquiatria e da saúde mental nos mostra bem como é esse processo que, através da exclusão e segregação, incide sobre as pessoas disciplinas e rotinas que acabam por esgarçar ao ponto de uniformizar as subjetividades de cada pessoa a cada um de seus diagnósticos e as possibilidades de criação de novos projetos de vida acabam encontrando fuga na própria fuga, ou na arte.

Ver o hospício guardar o hospício-caixa pode revelar que essa instituição também possui sua “*caixa de ferramentas*”. Com nomes antigos ou novos, podemos nominar as internações como forma de punição, a medicalização compreendida como processo social ou mesmo como, objetivamente, uma camisa de força para casos em que não se consegue ter manejo adequado, também aos anacrônicos mecanismos hoje vestidos de cientificidade como o eletrochoque e a lobotomia (MEHRY, 2014).

No contexto atual, local-nacional, também podemos refletir que não é apenas o hospício que guarda essas ferramentas. No cotidiano de nosso trabalho, num serviço que se pretende substitutivo, presenciamos o descaso e subfinanciamento das políticas públicas, que não oferecem espaços de abrigagem e acolhimento, que acabam por levar casos que têm majoritariamente uma questão social atravessada na história de vida da pessoa para internações em Comunidades Terapêuticas, para uma suposta proteção de sua vida.

Ora, não há algo de novo em se tratar questões sociais como questões psiquiátricas. Ao mesmo tempo que a vivência da residência traz aprendizados para melhor refletir processos como esses. Afinal, a fome e demais ameaças recaem sobre a vida de pessoas em situações vulneráveis e o que pode ser feito é existir com o que se tem ao seu redor?

Narrar

verbo transitivo

Expor as sequências de um fato ou acontecimento; contar, historiar, relatar.

Também trago a este trabalho final um segundo texto produzido na narrativa do CAPS Capilé. Ele foi fruto dos caminhos e descaminhos junto a uma atriz de nosso grupo, que também passou pelo CAPS Capilé. A abordagem é de um conto, livremente inspirado no conto “Terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa. A identidade e os fatos aqui narrados alcançam o fictício por não corresponderem necessariamente aos fatos vividos por ela, mas alcançam o real quando retratam as buscas por refúgios e quando nem sempre trazem acolhimento, paz e conforto.

A terceira margem de uma vida à terceira margem

Conheci a Júlia numa apresentação de teatro, há algum tempo atrás. Era bastante expressiva e afetuosa, dentro e fora dos palcos, lugares por onde pudemos conviver. A partir do que eu mesmo me lembro, não parecia ser uma pessoa com uma história de vida tortuosa e que estaria vivendo em apuros há muito tempo. Quando não estava sorrindo, estava só quieta. Mas se deu que, certo dia, ela começou a ir sozinha ao grupo de teatro.

Era a sério. Toda semana havia ensaios, todo mês, ao menos uma apresentação em outras cidades. Seu companheiro lutou muito contra a ideia e de maneiras diferentes. Seria que, ela, que nessas artes não vadiava, ia se propor agora a pintar o seu rosto? Ser tocada por outras pessoas ainda mais na frente de outras? Ela dizia a todos sobre o seu grupo.

A sua vida mais parecia um rio, como daquele conto da Terceira Margem, do Guimarães Rosa, “o rio por aí se estendia grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira”. Sua casa, no tempo, era perto da estação de trem, os trilhos por ali se estendendo grandes, longos, barulhentos que sempre.

Distantes pontos de partida e chegada, em certo momento, de não se poder ver a forma como as coisas irão mudar ou até onde iriam navegar. Travessias feitas à nado, canoa, jangada, ou mesmo uma nau. E esquecer não posso, dos dias em que ela começou a falar sobre seus sofrimentos.

Em meio a gritarias e ameaças, ela calça os seus tênis e decide sair da casa onde morava com seu então ex-companheiro. Não pegou roupas ou documentos. Não deixou recado ou anotações. Nunca saberemos ao certo quais foram as suas últimas palavras nesse momento. Ela ficou à deriva nesse rio, agora com mais correntezas de dor, dúvidas, medos e angústias. O

estopim dos fortes ventos de uma tempestade leva a travessia de vida à outra margem, que antes nem se queria enxergar, se pudesse.

Ela não voltou mais. Por onde estaria andando? Justo ali que tinha encontrado a sua terceira margem do rio, onde podia se desprender das amarras das atribulações tempestuosas que a cercavam na primeira margem. Justo essa terceira margem que ela conseguiu chegar sozinha. A estranheza de participar de um teatro que mais parecia um teatro de loucos estarreceu toda a gente ao seu redor, até as da sua segunda margem, que logo conheceríamos.

Certo dia ela chega até um de nós, do teatro dos loucos, com as lágrimas de uma tempestade, com aquele medo que se sente quando se vê um longo relâmpago e gritos de uma trovoadas. Ela chega mostrando ecos das duras violências que sofrera. Era a sério. Contatos são feitos com possíveis portos seguros, até que chegamos à sua segunda margem, de sua própria família, bússolas são apontadas a esse outro pedaço de terra que, nesse momento, seria o norte de seu destino, mesmo estando no sul da cidade, que era seu quase país. Mal ou pouco sabíamos que ventanias e secas já afligiam esse outro território, ao se aterrar nesse desassossego, todos apostamos que seria mais seguro que estar em meio à tempestade.

A todo instante ela falava do grupo, que mais parecia como um barco que lhe ajudava a ser alguém nessas correntezas da vida, e de si, em seu rio. Rio, rio, rio e rio. Mas a tempestade ainda estava marrom escura no horizonte, e ela não pôde embarcar de sua segunda margem. Esta narração de história de vida, infelizmente, é mesmo de tristes palavras.

Passado algum tempo para se enxergar esses fatos como passado, ela continuou a não ir ao encontro de seu rio a dentro, que podia fazer no próprio encontro com aquilo que se parecia uma jangada para ela. Não vimos mais ela descalça com suas meias coloridas, muito menos a amarrar os seus tênis, nem atravessar o seu país nos trilhos de trem. Um silêncio que sabíamos ser carregado de sofrimentos sobre sofrimentos se tornava então um ponto perpétuo. As tentativas de comunicação por sinal de fumaça ou pombo-correio sempre tinham interferências, seja das tempestades ou das ventanias. Por sua vez, cada tentativa de comunicação, seja por que meio fosse, parecia alimentar as tempestades e ventanias... até que percebemos como eles também eram um ponto perpétuo de assim estar.

Certo dia, carregado de incertezas, lembrando dos versos de um velho poeta russo que dizia algo como... “Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.” (Bertolt Brecht). Um embarque é feito até essa outra margem que antes não estava em seu mapa, mas que agora era o seu chão. O vendaval veio forte: levantou telhados, balançou janelas, apagou fogueiras, espalhou papéis, cortou a luz, espantou os pássaros, abafou o som do rádio que tocava na cozinha, e o que será que ele mais fez?

Procurando pelo carnaval gaúcho...

Antes de falar sobre a temática do carnaval gaúcho, acho importante demarcar de que lugar e tempo eu falo sobre esse tema. Como já colocado, venho do Nordeste, da Paraíba. Tive uma rica vivência carnavalesca com a minha mãe e a vizinhança de minha rua, uma dezena de crianças que se criaram comigo. Morávamos próximo à avenida da cidade onde passavam a maioria dos grandes blocos das prévias carnavalescas em João Pessoa, nos fantasiávamos e brincávamos muito juntos. Conheci as marchinhas e os passos do frevo desde as mais antigas memórias moscas em minha mente. Fui conhecer expressões como o maracatu já na graduação da universidade, bem como outras danças e ritmos como a ciranda e o côco de roda. A Paraíba é vizinha de Pernambuco em muitos aspectos e reconhecemos a grandiosidade do carnaval pernambucano, isso é tão arraigado e enraizado que os nossos grandes blocos são nas prévias, no período carnavalesco a cidade se esvazia, pois, muitas pessoas vão aos grandes shows no marco zero em Recife e nas frenéticas freviocas das ladeiras de Olinda.

Minha adolescência e juventude anualmente desejava e visitava os carnavais dessas duas outras cidades. Nelas, muito me impressionava perceber a cidade em estado alterado de consciência. O comércio fecha, as ruas se interditam, os ônibus são lotados de pessoas fantasiadas ou indo trabalhar em função do próprio carnaval. Os serviços públicos como a saúde, polícia, bombeiros, agentes de trânsito, até o parlamento e os palácios mudam suas rotinas por esses dias festivos. Esse fascínio me atinge profundamente. Talvez por isso, uma estratégia de sobreviver e viver em Porto Alegre tenha sido buscar refúgio em alimentar essas memórias criando outras, na expressão do carnaval daqui. Como já mencionei numa das primeiras cartas, no aquecimento, me envolvi nos blocos de carnaval de rua, nos blocos piratas que driblam as coerções e autorizações impostas pelo poder público para desfilarem cultura e encontros na cidade.

Ao longo do ano, me debrucei na leitura de uma dissertação de mestrado em história de Helena Cancela Cattani sobre a Cariocalização do Carnaval de Porto Alegre (1962 - 1973). Uma leitura que abriu um rizoma de muitas outras publicações e livros, para contribuir num melhor entendimento sobre esse processo e que será abordada nesta seção e em outras.

Resumindo brevemente a sua contextualização histórica, há menções de festas populares ocorrerem no Egito antigo, em celebração à Isis e também é recorrente no estudo dela e em muitos outros a menção das festas dionisíacas na antiguidade greco-romana. A inclusão do carnaval no calendário católico aconteceu na Idade Média, sendo uma transformação à secularização da festa sacra que remete ao início da quaresma. As cidades europeias vão

desenvolvendo suas expressões em cidades como Veneza e Paris, onde os bailes de máscaras se popularizam, enquanto na península ibérica, os entrudos se alastram com brincadeiras nas ruas com água, ovos, farinha entre outros materiais que sujaram bastante (CANTTANI, 2015).

Com a colonização portuguesa e, em especial, açoriana em Porto Alegre, as primeiras manifestações carnavalescas foram jogos de entrudo. A chamada “certidão de batismo” por aqui veio da primeira menção: a sua proibição(!), que resultava na prisão daqueles que brincassem dessa forma e, mesmo assim, a festa carnavalesca mais popular até o início do séc. XX permaneceu sendo ela.

Enquanto isso, a elite porto-alegrense passava a importar a forma carnavalesca dos bailes de salão, com a fundação das grandes sociedades Esmeralda e Venezianos, ao passo que essas sociedades reuniam os brancos e ricos da cidade. A população negra criava seus próprios modos de festejar e a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora é a mais antiga associação negra da cidade, frequentada apenas por negros e tinha como objetivo ser um clube carnavalesco. O seu primeiro desfile (1881) teve muitos enfrentamentos com as autoridades. Outros clubes também foram criados, como o Congos, o Club Moçambique e o Candombe de Mãe Rita. (CANTTANI, 2015).

Num estudo do campo da museologia, de Cruz (2014), sobre o Clube “Braço é Braço” de Rio Grande, os clubes negros atuaram sobretudo como estabilizadores da autoestima e da autoimagem da população. Também ajudavam com aposentadorias e pensões por óbito entre os associados e realizavam trabalhos de alfabetização.

Os clubes seriam também respostas às restrições que muitos negros, mesmo em ascensão social, tinham para acessar as festas dos clubes dos brancos. Me encontrar com os clubes negros me fez refletir sobre a gravidade e o tamanho da segregação racial que existe no Brasil e, em especial, aqui em Porto Alegre. Nesse estudo de Cruz (2014), também se comenta sobre fragilidade de uma crítica radical a essa segregação, ao afirmar que:

o Braço é Braço não era um espaço comprometido com uma "causa negra", de acordo com alguns depoimentos o clube em alguns momentos teve inclusive brancos em seu quadro de sócios, o que denota uma pluralidade de pensamento e posicionamento político. Porém, inscreve-se organicamente no que podemos denominar polo de resistência cultural [...].

Com isso, me ocorre trazer à tona a questão do racismo e do processo de branqueamento da cultura brasileira. O racismo, para Lélia Gonzalez (1984), se constitui como uma sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Mas, o carnaval possui algo de subversão, segundo ela, num processo de ultrapassagem dos limites permitidos e concedidos pelo discurso

hegemônico, que passa pela ordem da consciência”. Ela ainda lança essa assertiva certa: no carnaval que se exalta o mito da democracia racial.

A Lélia traz também que essa verdade oculta do mito pode ser exemplificada pelo negro ter ganhado na batalha discursiva na cultura. Vemos expressões africanas na virada do ano com os ritos em torno do mar, os folguedos em torno das festas dos reis magos, ao samba que se tornou um símbolo e tem expressão por todo o território nacional, pelos despachos aos orixás que vemos nas encruzilhadas de todas as grandes cidades. Mas ela também alerta que não esqueçamos que a democracia racial é um mito, e que também se revela nos lugares que marcam a dominação e repressão como os hospícios e prisões.

No meu lugar de pessoa branca, trago estes elementos na devida consideração, por trazer autoras negras para o trabalho como um dever ético-político, visto que o branqueamento - que tanto formou minha branquitude - tem num de seus elementos de constituição a invisibilidade e apagamento de referências negras. Vivendo numa região do país que marcadamente também é conhecida por ser xenófoba, coleciono situações que vivi ao ouvirem o meu “bom dia”, ao confundirem o meu estado com um humor perverso sobre outros (como cearense ou baiano). Desde o início, uma pergunta martela minha cabeça: mas como fazer um bloco de carnaval com cirandas em pleno Rio Grande do Sul? A resposta vinha a galope: mas como questionar isso se estou no Brasil e entre brasileiros(as)?

Nas pesquisas sobre o carnaval gaúcho, Rosa (2009) é citada no trabalho de Canttani ao afirmar que, pelo carnaval ser compreendido como um ‘símbolo de brasilidade’, e para a construção como povo gaúcho que aqui se desenvolveu, era necessário abdicar desses elementos nacionais para se consolidar uma identidade regional. Ainda mais pela ênfase de uma contribuição cultural, política e econômica de imigrantes europeus, uma concepção de uma imagem mais branca e menos miscigenada. Lazzari concorda com ela ao sintetizarem a exclusão do carnaval como uma expressão autêntica gaúcha. Isso nos oferece embasamento para refletir sobre a fragilidade da política pública cultural à nível de município e estado, a burocratização para agrupamentos culturais levarem cortejos às ruas, ou mesmo às vias de fato, ao criminalizar cortejos não-autorizados, como aconteceu no segundo semestre do ano passado, como mostra uma matéria jornalística de um jornal: “Liminar proíbe Carnaval na Cidade Baixa até que haja estudo de impacto”:

No despacho, o magistrado levou em consideração o argumento do MP de que os oito dias de festividades na região em 2018 foram além do "limite da suportabilidade", causando transtornos e danos à qualidade de vida dos moradores. Segundo o que concluiu dos depoimentos de agentes da Brigada Militar e da EPTC, o evento "aponta para riscos gravíssimos à saúde pública,

ao patrimônio público e privado, à paz e integridade física dos cidadãos de Porto Alegre".

Ora, olha só que ironia, a primeira menção ao carnaval que eu li em um jornal aqui se iguala à primeira menção do séc. XIX que também tratava de restrição e proibição.

Ao pesquisar sobre expressões de folguedos populares gaúchos, me deparo com publicações de um grupo de estudos do tema que trazem narrativas sobre expressões marginais. Descubro que muitas delas são expressões também presentes no Nordeste. O seu mapeamento mostra os casos do Bumba-meu-boi de Encruzilhada do Sul, as Cavalhadas de Santo Antônio da Patrulha e, ainda, as Congadas e Maçambiques de Osório, entre outros em torno dos folguedos natalinos. Por outro lado, manifestações como o Batuque e Baile do Candombe desapareceram.

Trazendo esta narrativa para a atualidade, não conseguirei me debruçar sobre os processos das expressões carnavalescas das escolas de samba. Por fugir, de certa forma, do objeto aqui abordado, e por também não as ter vivenciado. Posso falar sobre o que vivi, do meu lugar de “tocante”.

Uma das primeiras surpresas foi a sagacidade de realizar um cortejo sem as devidas autorizações oficiais, ousando ocupar a rua, proclamando canções e promovendo encontros. Com a vivência da construção, através das oralidades da cumplicidade que se gera no convívio dessa lida, aprendi junto com o bloco Nau diversas estratégias para driblar o poder público, por exemplo: o bloco não pode demorar muito num mesmo lugar, mesmo na concentração; precisa dar alertas virtuais e pessoais sobre a questão do lixo, de não fazer xixi na rua; no diálogo com os ambulantes é possível negociar fornecimento de água para quem toca e sopra; entre outros.

Outra marca permanente nas construções dos blocos é sobre o debate de gênero. Uma primeira evidência é nos alertas virtuais e pessoais sobre a questão do assédio, de importunação sexual. Demarcar que o bloco não tolera práticas machistas é bastante importante para possibilitar uma folia em que mulheres se sintam à vontade naquele espaço que é público e de que é seu direito brincarem sem serem assediadas.

Uma outra questão que não é tão evidente é na escolha do repertório, assim como nem toda piada convém, nem toda marchinha também. Canções como “O Teu cabelo não nega”, “Maria Sapatão”, “Cabeleira do Zezé”, “Mulata Bossa Nova”, “Índio quer apito”. Ora, como assim o cabelo não nega e por que a cor não se pega se quer o amor? Como assim alguém tem um nome de dia e outro nome de noite por ser sapatão? Como assim o cabelo julga se uma pessoa é “transviado” e para quê cortar o cabelo dessa pessoa? Como assim chamar alguém de mulata, porque essa palavra vem de mula? Como assim dar colar e apito de presente para índio?

Perguntas inocentes que se derivam das leituras de suas letras que bastam para deixar a problematização colocada.

O debate também abrange as fantasias e alguns blocos, como o do Bloco da Laje (um dos blocos de carnaval de rua contemporâneos em Porto Alegre). Em suas campanhas e cortejos, alertam sobre esta questão: se alguém é assassinado por ser “o algo” de que você irá se fantasiar, não faz sentido trazer isso pro carnaval. Nesta questão se inserem as fantasias de índio e homens vestidos de mulher. Também se insere nesse contexto a questão da apropriação cultural: não há sentido também em transformar indumentárias culturais ou religiosas como fantasia, a exemplo de fantasias de etnias, orixás, ciganas, mulçumanos, ainda, fantasias que incorrem na sexualização de determinadas profissões como de empregada doméstica ou de enfermeira, ou mesmo perversidades como “nega maluca,” que sabidamente é uma fantasia criada por brancos para satirizar mulheres negras.

Enfim, não se trata de “encaretar” o carnaval, trata-se sobretudo de oferecer um ambiente de respeito à diversidade de pessoas que ocupam as ruas para se divertir e não merecem ver suas vidas e existências sendo utilizadas como objeto. A criatividade pode ser infinita no uso de cores, maquiagens, desenhos no corpo, adereços, máscaras, capacetes, ombreiras, capas, etc.

Nos diálogos e vínculos com as pessoas que criam o carnaval nos blocos de rua, também percebi que muitas delas estão escrevendo sobre isso, gente do teatro, dança, música, geografia, audiovisual, fotografia, entre outras. Certamente isso demonstra o amadurecimento desse processo na cidade. Estejamos atentas e atentos ao que virá.

Travessia da sombra do concreto à luz do pôr do sol

Porto Alegre, 10 de fevereiro de 2019

Estou na frente do computador há um tempo tentando achar o fio da meada da escrita sobre a experiência e vivência que se desenrolou no - então - ensaio aberto do Bloco Nau da Liberdade. Pensando em desenvolver um híbrido de diário de campo, anotação pessoal e narrativa, para ser matéria-prima de uma autoetnografia, começo a falar sobre o que senti. Digo, de início foi ansiedade, cheguei com antecedência de uma hora à concentração do bloco, algo nunca visto em compromissos ou mesmo carnavais. O sol escaldava a praça com um calor ferrenho que acabou encontrando refúgio à sombra das árvores, perto do parquinho das crianças. O silêncio da espera levava a contemplar a espontânea ludicidade das crianças brincando e subvertendo os brinquedos, como todos fazemos, subindo o escorregador só para superar essa dificuldade ou se deixar ser derrubado por ela por simples diversão, ou ir ao balanço e ficar em pé, onde se deve ficar sentado, balançar perigosamente para sentir a velocidade e a altura.

Os meus toques ao celular em busca de informação e comunicação estavam tão recorrentes a ponto de gerar incômodo. Uma âncora chega para resolver a aflição, um aprendizado do evento de brincadeiras com os brincantes dos jogos da educação: “vai dar tudo certo”. No outro lado dos brinquedos da praça, várias pessoas chegavam em grupos, duplas ou sozinhas, com o azul e o vermelho no rosto e no corpo, procuravam também algo no celular. *“Onde estaríamos? Onde estaríamos?”*.

As figuras, os loucos, os professores e os trabalhadores começam a aparecer. Vamos nos refugiando nessa mesma sombra. A fissura que senti ao perceber que tinha gente com expectativa sobre nós, o bloco Nau da Liberdade, me faz docilmente ir convidando-os para ir pro outro lado da praça, para o encontro delas. As camisas, as maquiagens, os encontros acabam ancorando o agrupamento em torno da primeira sombra, que eram de árvores. Insisti bastante para irmos à outra sombra das pessoas que, ficticiamente, esperavam por nós, na outra sombra, do outro lado, que era uma sombra do concreto de um vão pertencente à obra de um aeromóvel que, em décadas, nunca foi concluída.

Ao chegar nesse outro momento, começamos a batucar e cornetar um aquecimento para nosso repertório. Os olhares incrédulos, espantados e preguiçosos diante do mormaço que a todos nos limitava a linhas transitórias no gramado, tal qual o caminho do sol no céu. Como planejado, começamos com as cirandas, em meio a elas, num momento singelo de improviso, esforço e criação, batizei um grupo de desconhecidas que vieram nas cores do bloco como

nossas brincantes. Tateando as cirandas de Lia de Itamaracá em pleno sol, no extremo sul do país, tentávamos em conjunto-bloco, mobilizar as pessoas a se engajarem numa roda, de mãos dadas, em círculo, em movimento, como mesmo é uma ciranda. Ao passar do tempo, ao começar do bloco, que disputava o mesmo espaço dessa praça, decidimos, entre olhares e conversas ao pé do ouvido, o melhor momento para ir a um terceiro espaço, que seria o calçadão diante da orla de um rio-lago da cidade.

A travessia da avenida, atravessada pela música Bandeira Branca, acabou trazendo poucas pessoas. A ampla maioria dos rostos que seguiram o cortejo eram de pessoas conhecidas das lidas da saúde mental. Isso me demonstrou um pouco o desafio de um carnaval antimanicomial: como ultrapassar as avenidas e barreiras que separam essa luta das lutas em geral? Como se fazer acompanhar na travessia à terceira margem do rio, de criação de espaços e cidadania e diversidade? O Carnaval me parece ser uma estratégia política para isso. Com a arte e ocupação de espaços públicos, ofertar à pessoas institucionalizadas ou em processo permanente de desinstitucionalização torna possível avançar nas lutas e ampliar a luta que em aparência é setorial, mas que em essência é articulada com um outro projeto de sociedade voltado à superação das opressões de machismo, racismo e patriarcado e da exploração do homem pelo próprio homem.

O conflito de agenda com um evento de um outro bloco de carnaval que aconteceria no mesmo dia, hora e lugar rendeu bastante dedicação, negociação e mediação. O diálogo começou de maneira atravessada pelas oficialidades porto alegrenses atuais, que fazem alguns agrupamentos decidirem se adequar às autorizações, taxas, compromissos, etc., ditos blocos oficiais, e outros que driblam essas normas com os aprendizados vindos da rua e das experiências, como publicar hora e lugar do evento às vésperas, priorizar uma construção mais orgânica entre foliões e os agrupamentos de brincantes, tocantes e soprantes, os ditos blocos piratas.

Meu papel híbrido de tocante dos blocos piratas e militante da luta antimanicomial me colocou numa posição de decisões cruciais que se mostrou um processo difícil, sobrecarregado, estressante e delicado. Reconhecer que o corpo coletivo de tocantes & soprantes era pequeno diante do desafio da rua teve nos últimos ensaios capítulos especiais de diálogo entre os integrantes do grupo Nau da Liberdade e todos que estavam ao redor, apoiando às suas maneiras. A pequenez da intervenção, por sua vez, também era observada entre nós e por mim como algo parte do fazer artesanal do grupo de teatro, sobretudo pelos aprendizados da própria experiência do fazer teatral entre loucos e loucas, que não preza pelo acabamento, grandiosidade, acertos ou erros. Uma artesanaria necessária, segundo apontamentos do Merhy,

que para a constituição de um trabalho vivo no campo da saúde, precisamos encontrar a singularidade. Um fazer que desloca sujeitos dos lugares predefinidos na construção de cuidado, possibilitando um processo cúmplice de produção de vida e cidadania. Os processos de errâncias, itinerâncias e criações que esse fazer propiciava era em si o ganho e avanço que esse trabalho oferecia às pessoas que se reuniam para mostrar/assistir essa arte louca.

No esforço de mediar essa questão entre quem estava envolvido no bloco, em minhas anotações pessoais do percurso, coloquei em questão esse processo de que somos um bloco de carnaval que deriva de um grupo de teatro, logo, trazemos e precisamos refletir sobre essa hibridez, pois temos um pouco do nosso teatro (com o espontâneo, o imprevisto, o improvisado), e que temos um pouco de um bloco de carnaval (com alegria, folia e diversão), obviamente que esses aspectos em parênteses se entrelaçam e daí reside uma das belezas dessa criação de um bloco de carnaval antimanicomial. Bem como estão presentes os contornos de um cortejo com seu repertório, porta estandarte e itinerário, mesmo assim infiltrado do espontâneo, imprevisto, improvisado, alegria, folia e diversão.

Por defendermos uma sociedade sem manicômios, a aposta é que seria muito mais abrangente conseguir agenciar o encontro de diversos movimentos sociais e pessoas envolvidas nos serviços de saúde mental. Ainda mais no recentíssimo contexto político de retrocesso que agudiza uma contrarreforma psiquiátrica, permitindo a inserção do hospital psiquiátrico nas redes de atenção psicossocial e o financiamento de equipamentos de eletrochoque pelo governo federal.

Também, por nos proteger na luta pelo direito à arte e à cultura na rua e nos espaços públicos, em meu ponto de vista, seria muito mais feliz que nosso cortejo tivesse mais força com soprantes e tocantes fortalecendo a integração e entrada de novas pessoas no carnaval de rua da cidade. O bloco vai para o segundo ano e, no primeiro cortejo, teve apoio das pessoas envolvidas nos blocos de carnaval de rua.

Ter consideração por esse apoio, que era demarcado entre as conversas pessoais e digitais, para mim era bastante importante. Principalmente pela percepção de que os blocos não eram isolados entre si, as mesmas pessoas participavam de diferentes agrupamentos, também entre expressões carnavalescas, por algumas pessoas também estarem inseridas nos processos das escolas de samba. A turbulência de estar à deriva da rua, em aglomeração com os policiamentos do poder público que, ao invés de promover processos espontâneos que favorecem a cena cultural da cidade, atingem essas criações com custos, papéis, prazos, carimbos e restrições. Enfim, principalmente por considerar que carnaval não se faz só que

convertemos a apresentação desse dia nove de fevereiro para um ensaio. E que tenhamos fôlego para mais empenho em prol de um cortejo mais forte numa data futura.

Outro fator importante foi bastante pessoal, carregar o peso de produção cultural, arranjador, maestro, trompetista, designer, mídias sociais (sem ter formação para nada disso) e, ainda em meio à conclusão de meu curso, que vim fazer aqui. Não estaria com isso me pabulando, ostentando, nada disso, longe de mim, só dizendo que estava pesado.

Estive me desorganizando e organizando, para mim era importante largar o peso de um cortejo de carnaval tal qual minha expectativa apontava e, que eu imaginava também, do público que conheceu a iniciativa através da massificação do evento, que alcançou mais de cinco mil pessoas.

O caminho da semana que segue é de agenciar mais encontros entre mais pessoas e grupos da saúde mental e do carnaval em torno de um futuro domingo de sol, folia e loucura em liberdade.

Voltando ao relato do gigante & pequeno ensaio, o início da noite ensolarada concluiu-se no gramado, às margens do lago/rio Guaíba, um desencadear de presentes foram surgindo aos olhos e ouvidos. Gentes dos movimentos de população de rua se encontraram entre nós para fortalecer a ação. Duas mulheres, com seus trompetes, chegaram tímidas aos ensaios e ousaram adentrar nas errâncias desse ensaio aberto. Dois homens gays suavam de tanto dançar em meio aos círculos de brincadeiras de cirandas e cornetadas já desafinadas pelo afrouxamento dos lábios nos metais. Duas mulheres se aproximaram com um pandeiro. Me evocaram a trazer os côcos de roda das margens praieiras do mar de minha origem. Escuto um relato suado e gratificado de um soprante que nunca tinha ouvido falar da questão antimanicomial e que se sentia honrado de estar participando junto com a gente. Outro soprante, que acompanhou os ensaios, relatou que se sentiu bem só de estar entre nós.

Por fim, a travessia das sombras das concretudes da realidade, com seus tropeços de faltas, ausências, vazios, burocracias, conflitos e passos para margens mais luminosas de encontros, improvisos e acasos, presenteou a todos esse pequeno-gigante ensaio que trouxe, aos relatos, levezas e alegria a quem esteve presente.

O dia mágico

Porto Alegre, 18 de fevereiro de 2019

Venho traduzir em texto o muito do que se viveu nesse domingo de sol em que saímos em cortejo pelo bloco no carnaval. Tarefa que parece ser bem difícil. Driblando-me de uma descrição, falo das afetações e das reflexões que surgiram em ato e nesse pós-imediato.

Eu me senti alimentado de energia, umas diriam axé, outras diriam instiga, não sentia fome, apenas sede, também era sede de algo mais, de ir além dos limites do meu corpo, dele com o meu instrumento musical, do meu toque aos outros que tocavam, a inundar o espaço com sonoridades que evocavam à todos memórias, lembranças e suas próprias histórias de vida. Sinto que a música de carnaval tem isso dentro dela, é como se fosse uma pescadora de memórias que evoca a infância, a juventude, se enxerga o hoje, e mais uma vez aquela música vem à sua frente e vem à tona as letras e melodias que todos ao redor expressam na voz ou em dança ou na palma da mão ou num sorriso.

Depois de já ter tocado todo o nosso repertório e muitas outras canções para além dele, em meio às dispersões e divagações em que todos perambulavam em êxtase, como um pescador de memória em ato, saí jogando iscas de interrogação para algumas pessoas que construíram o bloco. Os relatos que partilho servirão como trampolim para reflexões, trazendo essas diversas vozes que também visam expressar na própria escrita como o processo foi coletivizado, de partilha, comunhão e cumplicidade... *“O que você sentiu?”*.

Escrevi os relatos e me debrucei a pensar em uma forma de categorização dos enunciados para desenvolver algumas ideias, compartilhar leituras, aprofundar desejos que venho refletindo nesse processo. Apresento a proposta de alguns temas a serem expostos posteriormente, seguem:

A alegria revolucionária - estratégia de sobrevivência

“Alegria, afeto, trocas, cumplicidade de liberdade”

“Expressão de vida cheia de potência”

“Uma grande felicidade... felicidade compartilhada, percebi troca de carinho, estar aqui desde a manhã de um domingo, a galera veio.”

“Todo mundo se divertindo, trocas de identidade, respeito”

“Há tempos não me emocionava assim num bloco”

O afeto - corporeidade e ancestralidade

“Muito tudo, me emocionei”

“Que força ancestral hoje!”

“Na ciranda já foi arrepio, a gente tá junto, cantar junto”

“Senti empoderamento, autonomia, liberdade.”

“Bah, demais, fantástico”

O processo de criação - o cortejo como obra

“Uma possibilidade de horizontalizar, que acontece quando se há escuta”

“O maestro faz o gesto, os mais experientes ensinam aos que chegam atrasado”

“A galera vem e na postura percebemos, vem e se integra, tá junto”

“Não basta tocar fantasiado no sol à pino, tem que correr!”

As reverberações políticas em ato - privatização, mercantilização, patologização...

“Um momento muito grande, além da resistência política, num momento que a vida está privatizada, é muito político estar no espaço público. A Nau abrangeu muita coisa.”

“Imagine só o que estaria acontecendo na cidade agora?”

“A Nau para lutar por liberdade, me mostra que não precisa tá aparelhado pra isso.”

“Vamos carnalizar, pela vida que tá dura demais”

4. Inimigos do fim

A alegria revolucionária - estratégia de sobrevivência

“Alegria, afeto, trocas, cumplicidade de liberdade”

“Expressão de vida cheia de potência”

“Uma grande felicidade... felicidade compartilhada, percebi troca de carinho”

“Todo mundo se divertindo, trocas de identidade, respeito”

“Há tempos não me emocionava assim num bloco”

Os relatos trazem um apelo emocional, foram ditos com bastante afeto, expressam uma diversidade de palavras que possuem seus pesos enquanto conceitos na academia e no campo da saúde mental coletiva, como liberdade, potência, identidade. O nexos buscado e explorado aqui é refletir como essa reverberação através do afeto possui sementes de processos de mudança e deslocamento de olhares com sensibilidade para, com isso, nutrir combustível para se criarem estratégias de sobrevivência.

Num documentário chamado Alegorias do Brasil, o historiador Fred Coelho traz que a questão da alegria no ser brasileiro se desenvolve na perspectiva de que não fomos obrigados a nos formar dentro do paradigma civilizatório europeu em que pesam as durezas e pesos das contradições, arbitrariedades dos poderes públicos, autoritarismos macro e micropolíticos. Para tentar se manter vivo num estado de exceção que coloca a maioria da população como alvo de um extermínio, criou-se como estratégia de sobrevivência - entre outras expressões e formas de organização política - a cultura popular e o carnaval.

Da alegria colocada como invenção, parte de algo vazio e oco, carregado de tristeza, que nesse caminho de inventar e criar transmuta as dores da realidade. Pautar isso num momento em que os sentimentos são patologizados, a vida é privatizada e medicalizada, ocupar o espaço público em cortejo de carnaval acaba por ser um aceno de esperança para nutrir as forças, princípios e perspectivas das lutas sociais que tem como horizonte um outro projeto civilizatório para o país e para as relações entre as pessoas. Estar num espaço público, em aglomeração e sem autorizações oficiais me faz ver como uma rajada de vento flamejando as mesmas bandeiras de luta que as passeatas e barricadas tentam pautar na luta política contra os retrocessos que vivemos contemporaneamente. Caetano Veloso sabiamente sintetiza em música, rima e poesia, versos que nos ajudam a refletir sobre isso:

“A tristeza é senhora

Desde que o samba é samba é assim

A lágrima clara sobre a pele escura

A noite, a chuva que cai lá fora
Solidão apavora
Tudo demorando em ser tão ruim
Mas alguma coisa acontece
No quando agora em mim
Cantando eu mando a tristeza embora
Caetano Veloso - Desde que o samba é samba

Essa alegria partilhada na rua e em multidão muito tem relação com as expressões culturais de origem africana, com algo que se relaciona com a corporeidade, no corpo que dança e assim transcende se tem contato com algo de mistério, com algo coletivo, ainda são achados-disparadores desse documentário. Um artigo de Cavalcanti (2013), dialoga com isso ao sintetizar que a vitalidade das expressões das festas populares tem íntima ligação com a constituição do país como nação.

Michel Foucault (1977), ao escrever sobre uma vida não-fascista, traz importantes colocações para contribuir na reflexão sobre esta capacidade de propulsão que a alegria pode ter na militância com um sentido antifascista:

“Não imagine que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas da representação) que possui uma força revolucionária”.
 (Foucault, 1977, p.3)

Somando assertivas sobre essa questão, no contexto dos processos de trabalho na saúde mental no Brasil, Emerson Merhy (2004), ao contextualizar que o sofrimento recai sobre todos os coletivos de trabalhadores na saúde mental, toma a alegria como indicador de uma luta contra a tristeza e o sofrimento e, assim, também se podem ter chaves para analisar as suas práticas de cuidado. Ele sugere que a implicação de uma equipe com um trabalho antimanicomial é de pessoas alegres, traduzindo isso como pessoas em potente produção de vida, desta forma, podendo oferecer às outras pessoas produção de novos viveres, no mínimo instigando-os.

Devo alertar que esses elementos aqui expostos não trazem significações de se anestesiar das contradições ou tão pouco ludibriar-se do sofrimento. A própria necessidade de sobrevivência que submete os trabalhadores a vínculos precários e atrasos salariais (apenas dois exemplos adocedores), precisa buscar estratégias para ter resistência.

O afeto - corporeidade e ancestralidade

“Muito tudo, me emocionei”

“Que força ancestral hoje!”

“Na ciranda já foi arrepio, a gente tá junto, cantar junto”

“Senti empoderamento, autonomia, liberdade.”

“Bah, demais, fantástico”

A maioria dos relatos reunidos em torno do afeto foram ditos junto com fortes gestualidades. Reforçaram também muitas das minhas impressões naquele exato momento. Se alguém me perguntasse o que tinha sentido naquele instante, responderia algo muito próximo dessas colocações.

A escolha pelos repertórios com cirandas surgiu desde o convite para começar o bloco de carnaval. A motivação que compreendo é da relação íntima que o mar e o simbolismo, dentro e ao seu redor, se comunicam com a atual apresentação de teatro que o grupo leva pelas cidades, que se chama “Navegantes”, no qual se gestualizam movimentos náuticos, forma-se um barco com os corpos dos atores e que se encenam um diálogo entre um pescador em busca de sua identidade e uma burocrata, entre outras cenas e coreografias. Como eu vim de uma cidade praieira e a ciranda é um ritmo/dança popular que aprendi a amar no meu percurso pelos movimentos sociais, o mergulho nessa estética também foi um refúgio de conexão comigo mesmo e com a minha origem.

Lélia Gonzalez (1984) traz ricas reflexões para pensarmos muito sobre essas categorias da corporeidade e da ancestralidade, que resolvi relacionar e se entrelaçam e misturam. Num artigo sobre as Festas Populares no Brasil, ela traz à tona a força da questão da ancestralidade e de certa função dos festejos para a identidade e lutas no Brasil, segue em citação direta:

Aqui, mais do que em outro lugar, a noção de “deus em nós” confere plenitude ao significado de festa. As festas afro-brasileiras são o efeito simbólico de um extraordinário esforço de preservação de formas culturais essenciais trazidas de um outro continente e que, aqui, foram recriadas sobre condições as mais adversas. Afinal, a população negra não veio para o Brasil como imigrantes, mas como escrava. (Gonzales, 1984, p. 241).

Nos vídeos do Otávio Bastos, pesquisador e dançarino de frevo, aborda-se que o início da formação de clubes carnavalescos aconteceu desde os fins do séc. XIX, no contexto da

Primeira República e da abolição da escravatura. Com isso, o corpo e a dança do passista expressam nesse corpo político movimentos agressivos e com torções, se opondo à estética do corpo aristocrática da época. Os passistas se situavam na frente das orquestras, e era ali que os negros podiam exercer a sua corporeidade da capoeira, que era criminalizada. Contemporaneamente, no contexto da sociedade de espetáculo, Otávio traz a conhecida elasticidade, com saltos, os pequenos gestos precisam de grande visibilidade nesse cenário de muitas informações que também se expressam nas fortes cores do vestuário de um passista de frevo. O que poderíamos pensar a partir das gestualidades que surgiram no centro da roda do bloco? O que significavam aquelas danças náufragas e ébrias?

No cortejo, os momentos em que as rodas de ciranda se formaram foram realmente de causar arrepios. A circularidade forma um campo de sintonia e integração muito singular e belo. Muitas das canções trazem à voz menção à Iemanjá (Frevo e Ciranda de Capiba), Oxum (Mamãe Oxum - Canto Popular), e à Cigana da Rosa Vermelha (Ciranda da Rosa Vermelha).

<p>Frevo E Ciranda Capiba</p> <p>Eu fui à praia do Janga Pra ver a ciranda No meu cirandar - Ciranda</p> <p>O mar estava tão belo E um peixe amarelo Eu vi navegar - Navegar</p> <p>Não era peixe não era Era Iemanjá Rainha Dançando a ciranda Ciranda No meio do mar Ciranda.</p>	<p>Mamãe Oxum Zeca Baleiro</p> <p>Eu vi mamãe oxum na cachoeira Sentada na beira do rio Colhendo lírio lirulê Colhendo lírio lirulá Colhendo lírio Pra enfeitar o seu congá Ê areia do mar que o céu serena Ê areia do mar que o céu serenou Na areia do mar é areia Maré cheia é mar marejou</p>	<p>Ciranda da Rosa Vermelha Elba Ramalho</p> <p>Teu beijo doce Tem sabor do mel da cana. Sou tua ama, tua escrava, Meu amor. Sou tua cana, teu engenho, teu moinho; Tu és feito um passarinho Que se chama beija-flor. Sou tua cana, teu engenho, teu moinho; Tu és feito um passarinho Que se chama beija-flor.</p> <p>Sou rosa vermelha, Ai! Meu bem querer. Beija-flor, sou tua rosa E hei de amar-te até morrer. [...]</p>
---	---	--

O processo de criação - o cortejo como obra

“Uma possibilidade de horizontalizar, que acontece quando se há escuta”
 “O maestro faz o gesto, os mais experientes ensinam aos que chegam atrasado”
 “A galera vem e na postura percebemos, vem e se integra, tá junto”
 “Não basta tocar fantasiado no sol à pino, tem que correr!”

Ao me aproximar de algumas referências do campo da pesquisa em arte, começo a refletir sobre o cortejo carnavalesco - e sua construção coletiva - como uma obra de arte em si. Partindo de alguns pressupostos debatidos por Rey (2002), que favorecem o olhar sobre este processo, ao conceber que “a obra contém em si mesma a sua dimensão teórica”, podemos refletir e questionar sobre que dimensões seriam essas.

Posto isso, identifico alguns pilares nessa construção que foram tratados ao longo do trabalho, a exemplo de vislumbrar algo sobre história do carnaval na região e no país, pensar sobre todas as sensações que emergem ao vivenciar, como os arrepios, as danças, os toques, os tropeços, os improvisos e com isso refletir sobre a ancestralidade e corporeidade no carnaval, discorrer sobre os processos de subjetivação que podem ser disparados a partir de um festivo questionamento à medicalização da vida, da privatização do acesso à saúde, da patologização dos sentimentos, entre outros debates contemporâneos da Reforma Psiquiátrica Brasileira.

Com o devido cuidado sobre as questões sobre a arte que “não são da minha área”, atrevo-me a trazer o debate que na arte contemporânea a obra se revela como uma *instauradora de linguagens*. Para além de se questionar o quê, se busca entender como isso foi feito. Como isso produz sentido? Neste caminho, os artistas manifestam suas subjetividades e ampliam o sentido objetivo que há sobre as coisas, objetos, situações, também músicas e gestos. Ora, se no Renascimento começou a haver o reconhecimento da autoria das obras, expressando a importância nascente do sujeito singular, na contemporaneidade isso passa por uma ruptura, pois o artista não cria sua obra a partir do nada, é o seu gesto que recria objetos, texturas, cores e sonoridades do mundo e os nomeia como arte (RIVERA, 2009; REY, 2002).

Também faço menção ao trabalho de Albers (2014), produção que trouxe essas referências do campo da pesquisa em arte e que nos alerta que a movimentação de cada ser humano também trata e situa o seu lugar no mundo, deste modo, elabora-se um posicionamento político e sua inscrição no campo da criação e da pesquisa em arte.

O Hélio Oiticica dialoga com essas questões e aprofunda uma reflexão sobre o processo de criação, no sentido de que, para além de produzir algo, acontece uma busca e um encontro, um *achar*, que mais se aproxima com um *achar-se* e que é feito em coletivo (RIVERA, 2009).

O espaço necessário para esse *achar-se* acontecer dialoga com algumas colocações do trabalho de Marques (2002). Ao falar das ênfases de Robert Dunn no processo coreográfico em seus cursos, ele estava interessado em criar oportunidades de aprendizagem que proporcionassem a possibilidade de um “espaço de nada”, um vazio. Esse esforço da criação na arte contemporânea precisa desse lugar para se permitir ao acaso e ao indeterminado.

Nessa ruptura sobre “*o quê*”, para o “*como foi feito?*”, para Trisha Brown que Marques traz em seu artigo, esse processo minimiza o julgamento de valor e valoriza a intenção da criação. Isso me faz refletir sobre o campo que é criado nesse tempo maior de não querer acabar o carnaval, um território vivo de criação, improviso, permissão aos erros e tropeços, resgate de repertórios de outros blocos, mescla de diferentes ritmos e, em sequência, traz uma beleza ao momento que é de arrepiar e se manter nesse contínuo de folia que não quer se acabar.

Por diversos momentos, no cortejo, percebemos isso. A chegada de pessoas em situação de rua foi bastante especial, algumas de maneira organizada se prepararam para vender pizzas feitas num empreendimento solidário, focado para pessoas nessa situação, outras espontâneas, ébrias e boêmias chegavam ao centro da roda e, sem cerimônias ou delongas, pediam o estandarte do bloco, o sacavam às mãos e dançavam livremente com um sorriso no rosto repleto de empoderamento, acolhimento e potência. A permissão desse vazio dentro do círculo também nos fez enxergar pessoas que nunca se viram gingarem capoeira, crianças chegarem e pularem com as mãos para cima, enfim, darem as mãos para formar as rodas de ciranda.

Uma criação que se realizou na construção do bloco foi a organização de um bloquinho de papel com as notas das músicas transcritas. No esforço de oferecer fácil acesso para os ensaios coletivos e individuais, acabou-se criando algo que já nasceu como (podemos ousar dizer...) relíquia. Algo que materializa essa construção coletiva, imbuída de memória e recheada de aprendizado a quem contribuiu no bloco. Um produto que traduz a beleza das canções que podem ser ensaiadas novamente e que acena com um cuidado e gratidão. Para este trabalho, essas cópias com as notas são reunidas com um outro conjunto de cópias com as letras das canções, dispostas como cartas de um jogo, que seguem em anexo para partilha junto com todos esses escritos. O convite se abre para folhear, assobiar e cantar.

As reverberações políticas em ato - privatização, mercantilização, patologização...

“Um momento muito grande, além da resistência política, num momento que a vida está privatizada, é muito político estar no espaço público. A Nau abrangeu muita coisa.”
 “Imagine só o que estaria acontecendo na cidade agora?”
 “A Nau para lutar por liberdade, me mostra que não precisa tá aparelhado pra isso.”
 “Vamos carnavalizar, pela vida que tá dura demais”

A resistência política antimanicomial que atravessou a criação do bloco foi demarcada pelos jograis, através da frase síntese da Reforma Psiquiátrica Brasileira: “Por uma sociedade sem manicômios”. Compreendendo, sobretudo, que a instituição do manicômio perpassa não apenas os hospitais psiquiátricos ou os serviços substitutivos, mas também está em toda organização de caráter coletivo. como as prisões, as escolas, as forças armadas e os postos de trabalho, pois violam, em certo sentido, o projeto individual de cada pessoa, apesar de conservar margens para a sua vida particular, em família e em comunidade.

A possibilidade ou ameaça à essa ordem é mediada pela instituição do manicômio (também por outras, como a polícia) que o denomina como doente ou não, ou como bem coloca o Basaglia (2010, [1965]), “doente” ou não. Essas aspas não pretendem relativizar ou excluir o sofrimento psíquico, mas se propõem à um enfrentamento científico desta problemática que objetifica e coisifica quem é diagnosticado.

Ao passo que a pessoa se institucionaliza no hospital psiquiátrico, também mergulha numa ausência de qualquer projeto, se aprofunda numa condição de estar à mercê de outros, com horários fracionados, vendo se distanciar ao seu horizonte os vínculos criados, as trajetórias caminhadas e os seus projetos de vida. Essa percepção e reflexão do Basaglia do século passado ainda se faz presente através de novas sofisticções do ideário psiquiátrico tradicional, como o internamento em *hospital especializado em saúde mental* ou mesmo na expressão asilar de caráter religioso atual, denominada *comunidades terapêuticas*.

É colocado aos fármacos o poder de cuidado para o desvio da eficiência desse sujeito, que não mais corresponde aos interesses das organizações coletivas que centralizam o trabalho, a família e o poder do consumo como um projeto homogêneo a que todos deveriam buscar. Com isso, o ideário manicomial dita que os processos de trabalho se centram em encontrar a melhor estequiometria possível entre os medicamentos e o seu sofrimento, em buscar a adesão à esse tratamento, à uma reabilitação social que gere reinserção no mercado de trabalho, e isso acontece seja nos serviços de hospitais psiquiátricos, seja nos serviços substitutivos à eles. Franco Basaglia se e nos questiona: o princípio de liberdade conseguirá derrubar o da autoridade?

Ao aprofundar a questão dessa forma de exclusão por *instituições de violência*, como denominadas por Franco, as autoras Rachel Passos e Melissa Pereira (2017) afirmam e dialogam com o meu entendimento de que essa questão está diretamente vinculada às questões de classe, gênero, raça/etnia, bem como relações mediadas pelas questões de sexualidade, identidade sexual, religião, geração, entre outras.

Há um desafio colocado por Franco Rotelli (2008) que nos instiga a aprender como viabilizar condições que possam reproduzir a vida (como o teatro, a festa, a multiplicação de afeto). Buscando com isso uma reconstrução da mediação entre pessoa e realidade, perpassando a luta contra os estigmas e contra os procedimentos de exclusão, entre outros processos, como esses sujeitos loucos possam ser protagonistas, se associarem, terem suas famílias e comunidade articuladas e integradas compreendendo que a liberdade é algo coletivo?

Paulo Amarante, em uma de suas publicações em 2003, traz uma abordagem gramsciana que compreende a RPB como um processo contra-hegemônico, que significa em breves palavras um caminhar oposto em relação à dominação da experiência subjetiva pelos aparelhos de poder, quer sejam políticos, jurídicos ou científicos. A partir disso, é preciso construir reflexões que questionem essas estratégias de dominação, proporcionando outras visões de mundo, outros valores e subjetividades. Um dos elementos importantes que enxergo/amos na criação do cortejo e no convívio ao longo do ano com o grupo Nau da Liberdade, é de uma subversão de uma expressão artística setorializada, voltada a ser apresentada aos loucos, ou apenas por eles feita. Os passos de integração que surgiram nos fizeram perceber como a questão desta diferença na relação entre trabalhador/usuário pode ser borrada ao ponto de parecer ou ser rompida no sentido que todos se sintam integrados como atores, músicos e brincantes, misturando as forças que resistem ao anulamento de subjetividades diagnosticadas e medicalizadas e as forças que reduzem a subjetividade de um outro que dá e trabalha com os diagnósticos e medicamentos.

Na experiência da RPB temos a Carta de Bauru como um documento fundante do Movimento Nacional de Luta Antimanicomial. Nela podemos ver também a demarcação desse entendimento quando afirma:

O manicômio é expressão de uma estrutura, presente nos diversos mecanismos de opressão desse tipo de sociedade. A opressão nas fábricas, nas instituições de adolescentes, nos cárceres, a discriminação contra negros, homossexuais, índios, mulheres. Lutar pelos direitos de cidadania dos doentes mentais significa incorporar-se à luta de todos os trabalhadores por seus direitos mínimos à saúde, justiça e melhores condições de vida (...). (Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental, Carta de Bauru, 1987).

Com isso, podemos refletir como o manicômio serve à manutenção de opressões de gênero, raça e classe. Essa perspectiva interseccional é recente na produção bibliográfica do campo da saúde mental no Brasil e é importante e necessário que esses apontamentos estejam em nossos diálogos e ações para caminhar no amadurecimento de nossa luta junto à realidade, em consonância com as tantas evidências e fatos que nos demonstram como essas desigualdades estruturam a exploração que o sistema capitalista impõe sobre a classe trabalhadora e sobre o povo.

Refletindo sobre os aspectos da RPB como processo social complexo, Amarante (2003) define quatro dimensões da reforma psiquiátrica. Considerando a compreensão enquanto processo, estas dimensões são intrínsecas uma na outra. A saber:

- Dimensão teórico-conceitual: refere-se ao campo epistemológico, ao significado dos conceitos que respaldam as práticas desenvolvidas nos serviços;
- Dimensão técnico-assistencial: refere-se aos modelos de atenção em saúde mental e aos conceitos e práticas advindos desse paradigma;
- Dimensão jurídico-política: refere-se às legislações sobre saúde e direitos sociais, bem como as relações sociais entre as pessoas e a loucura;
- Dimensão sociocultural: refere-se à transformação do imaginário social sobre a loucura.

Podemos refletir a partir disso que uma expressão artística carnavalesca abrange majoritariamente a dimensão sociocultural. Em certa medida, também podemos refletir que atinge outras dimensões quando reafirma que o caráter dessa luta está articulado ao combate às opressões, quando convoca os trabalhadores e usuários(as) a saírem de seus serviços para rua, quando atinge a relação com a loucura no convívio, integração e criação artística no espaço público. Sobretudo por entender a RPB como um processo social complexo, essa categorização visa mais um esforço de entender os diferentes aspectos, já que eles se misturam e se relacionam.

O carnaval como uma festa pública, gratuita e como uma experiência majoritariamente urbana convoca as pessoas a reivindicarem os territórios da cidade, seja a rua, a praça, o parque, o terreiro, o terraço, a quadra, onde possa se acender uma faísca, como bem ilustra Cavalcanti (2013).

O surgimento dos primeiros clubes carnavalescos no Nordeste tem íntima relação com o sindicalismo. Interfaces entre carnaval e política, como traz Otávio Bastos ao tratar sobre Frevo e Política, tem como exemplo a Agremiação Eu Acho É Pouco, criada no contexto da ditadura civil-militar como uma forma de protesto e de possibilidade de aglomeração e reunião.

Outro exemplo mais recente é a Troça Empatando Sua Vista, que protestava contra o crescimento de grandes prédios em Recife, a chamada verticalização, reivindicando planejamento urbano (BASTOS, 2018).

A experiência antimanicomial com mais tempo de atuação até o momento no Brasil é do “Coletivo Tá Pirado, Pirando, Pirou”, com objetivo de criar um espaço lúdico que reúna não apenas usuários dos serviços, mas também os trabalhadores das diversas instituições. Na leitura de Vanessa Xisto (em seu artigo que trata sobre esta experiência) em 2012, a proposta do bloco apresenta uma possibilidade de que a cultura na saúde mental vá para além de debater a exclusão, mas passe a criar espaços verdadeiramente inseridos na cidade. Com isso, contribuindo na quebra entre a dicotomia da clínica com o social.

5. Todo Carnaval tem seu fim (?)

*“Todo dia um ninguém José acorda já deitado
 Todo dia ainda de pé o Zé dorme acordado
 Todo dia o dia não quer raiar o sol do dia
 Toda trilha é andada com a fé de quem crê no ditado
 De que o dia insiste em nascer
 Mas o dia insiste em nascer
 Pra ver deitar o novo”
 Los Hermanos – Todo Carnaval tem seu fim*

Procurando fôlego para as últimas e derradeiras escritas, resolvi andar em errâncias pelo meu bairro, lanchei em lugares nunca antes visitados, passei em praças nunca frequentadas. Em meio a isso, um convite surgiu para o grupo de teatro da Nau de participar de uma roda de conversa numa plenária popular preparatória para as conferências de saúde. Com um sentimento paradoxal de (ir)responsabilidade, participei dessa roda, mesmo na iminência dos prazos para entrega deste trabalho.

O ano de 2019 está dando vários e diversos sinais que a sua conjuntura será atribulada e requer muita resistência dos que andam e nadam na contra hegemonia. Presenciamos indicações aos ministérios com claras demarcações de que o agronegócio, os setores fundamentalistas religiosos neopentecostais, as indústrias das armas e setores das forças armadas vão dar o grave tom político desse governo. No campo da saúde, a indicação de um representante do agronegócio já trouxe retrocessos no campo da segurança alimentar, colocando em risco a soberania alimentar do país e, sobretudo, das pessoas mais pobres, se extinguindo esse lugar do controle social sobre a situação da fome e da distribuição e informação sobre alimentação saudável, entre outros assuntos.

Em se tratando da saúde mental, vimos o que já se chama de “Nota Fantasma”. Trata-se de uma nota técnica emitida pela coordenação de saúde mental que reconfigura a estrutura e princípios da Rede de Atenção Psicossocial. Ela é chamada assim porque foi publicada no site institucional, mas não foi publicada no Diário Oficial e, depois da publicação, o coordenador foi exonerado. A nota traz graves violações à própria lei da reforma psiquiátrica, ao Estatuto da Criança e Adolescente e diversas questões da Constituição. Trago essa temática ao fim e cabo do trabalho para mergulhá-lo nas contradições da própria realidade.

Os espaços institucionais de controle social na saúde já vinham vivendo diversos retrocessos, como a negligência de que esses fóruns deliberavam contra as privatizações dos serviços de saúde e o fato de não haver esforços nem dos governos golpistas e autoritários que

vivemos nos últimos anos, nem do ciclo lulopetista, bem como, ser contrário a inserção das Comunidades Terapêuticas na RAPS, que aconteceu neste último ciclo citado. O descrédito e a intencional desorganização dos espaços e instâncias surgiam quando as resistências eram fortes, ao passo que cooptações de lideranças, entidades e associações, para não se contrapor radicalmente à essas questões, aconteciam ao mesmo tempo.

O debate me trouxe várias lembranças e sensações e, no momento oportuno, pude me expressar sobre esse descontentamento com o que se vinha e a desconfiança do espaço do controle social em si. Mas o próprio trabalho aqui escrito deu fôlego para revirar o discurso do pessimismo e fracasso para uma transmutação necessária de alegria! A fala reverberou muitas devolutivas das pessoas, reconhecemos juntos como a raiva e o pessimismo não podem nos fadar ao imobilismo e inércia. Havia quem se iludisse que alguma batalha estava ganha, os movimentos negros e indígenas nos alertavam e alertam sobre os seus genocídios de que não estávamos.

A barbárie que nos cerca e agora retrocede nas leis que por tanto lutamos precisa ter resposta, devemos dar respostas. O que mais esse trabalho defende é que os artistas e sua arte têm muito a contribuir no contra-ataque, como bem ilustra a música da Flaira Ferro, trazida na epígrafe. Também como cria o verso desta seção: *“mas o dia insiste em nascer”*. Que ousemos e façamos a aurora de um novo tempo que está nas nossas mãos, nós que produzimos e criamos o mundo, trabalhadores e trabalhadoras. As nossas profissões e ofícios, seja de que campo do saber/fazer, está imbuída das contradições do capital e, junto com elas, a possibilidade de não fazer o mesmo, de não se encaixar!

Espero que esse trabalho dê aportes vivenciais, teóricos e reflexivos para as diversas produções sobre o carnaval que estão sendo realizadas neste momento em Porto Alegre e pelo país. A contribuição desse trabalho reside na esperança de que a articulação entre arte e saúde mental é necessária para romper as hierarquias que separam pessoas em sofrimento pelo seu lugar social entre profissional x usuário. Os erros, improvisos e acasos são sementes do que é novo e precisamos muito aprender com essa estranheza e mistério.

A alegria precisa ser tomada como uma invenção, ser revivida e recriada a cada instante, de cada encontro, de cada ato, seja nos cotidianos, seja nas passeatas. O afeto precisa ser encharcado de nosso próprio corpo, de nossa implicação, da valorização que nossos passos vêm de longe, e seja no lugar de pessoa branca ou preta ou indígena, precisamos mergulhar nossas ações e reflexões numa perspectiva antirracista num país que tanto segrega ou mata as pessoas diferentes dos padrões hegemônicos. Os processos de trabalho precisam enfrentar suas durezas e se estabelecerem como construções transversais e coletivas, reconhecendo e respeitando o

saber de todas as pessoas envolvidas. Os processos que nos diagnosticam e medicalizam não podem nos adoecer mais do que o próprio sofrimento que sentimos.

O Carnaval veio e as escolas de samba trouxeram temáticas e sambas-enredo memoráveis, encharcando os sambódromos da Sapucaí carioca e Anhembi Paulista (os de maior evidência nos jornais) com temáticas de resistência política, de enaltecimento das raízes africanas e indígenas do país. O samba-enredo da Mangueira, mostrado na epígrafe, escancara para o Brasil um debate sobre a nossa história, sobre o apagamento dos pioneirismos e heroísmos do nosso povo e que está presente nas memórias de resistências entre os movimentos sociais, mas que hegemonicamente não são valorizados na educação básica. O carnaval de rua também foi destaque esse ano, capitais como São Paulo e Brasília viveram um crescimento substantivo dos blocos, proporcionando ao povo as próprias ruas e avenidas. A canção da Flaira Ferro nos inspira como que a esperança é substância para mudar, para trazer a arte para o contra-ataque nessa guerra onde a covardia impera sobre a ignorância.

Como “todo carnaval tem seu fim”, este trabalho também precisa chegar ao fim dessa seção. Ela não pretende ser conclusiva, mas quem sabe tenha dado o gosto ao leitor sobre todo esse processo vivido? Sinta-se convidado a viver a cena do carnaval dessa cidade, há vários blocos e escolas, com várias estéticas e modos de produção. O carnaval não se limita aos quatro dias entre o sábado e a quarta-feira de cinzas. Nem aqui nessa terra tão distante e supostamente tão distanciada da africanidade que tão fortemente dá a cara, a pele e o tom do carnaval nesse país. Carnaval se produz o ano inteiro, não é para esperar as escolas de samba realizarem as suas muambas, as troças de sopros e tocantes fazerem seus ataques, a loucura da cidade e nas pessoas está aí cotidianamente demandando respostas que dialoguem com a própria cidade e as pessoas. Vamos carnavalizar!

6. Referências

ALBERS, M.. **Acompanhamento Terapêutico a partir da Pesquisa em Artes: um estudo de caso.** 23 f. Trabalho de Conclusão de Residência. Escola de Saúde Pública RS. Porto Alegre, 2014.

AMARANTE, P. A clínica e a reforma psiquiátrica. In: _____. **Archivos de Saúde mental e atenção psicossocial.** Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003, p. 45-66.

BASAGLIA, F. A destruição do hospital psiquiátrico como lugar de institucionalização: mortificação e liberdade do “espaço fechado”. In: AMARANTE, P. (Org). **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica.** Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 23 - 34.

BASTOS, O. **Frevo e política: o corpo do passista.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TrKqVLOcDas>>. Acesso em 26 fev. 2019.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras escolhidas.** 3. ed., v.1. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987, p.197-221.

CATTANI, H. C. **Cariocalização do Carnaval de Porto Alegre (1962 - 1973).** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História: UFRGS. Porto Alegre, 2015.

CAVALCANTI, M. L. V. C. A festa em perspectiva antropológica: carnaval e os folguedos do boi no Brasil. n. 4. **Arteologie.** 2013. p. 125-140 Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/IMG/article_PDF/article_a183.pdf>. Acesso em 10 fev. 2019.

CRUZ, M. **Clubes sociais negros: memória e esquecimento no Clube Recreativo e Social Braço é Braço.** (Rio Grande - RS, 1969 - 1992). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural: UFPel. Pelotas, 2014.

DANTAS, M. F. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e dança. v.2, n.27. **Revista Urdimento.** Florianópolis, 2016, p.168-183

EPS EM MOVIMENTO. **Um mergulho no mundo do trabalho em saúde**. 2014. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-textos-em-cena/um-mergulho-no-mundo-do-trabalho-em-saude>>. Acesso em: 31 jan. 2019.

FORTIN, S. Contribuições possíveis da Etnografia e da Autoetnografia para a pesquisa na prática artística. Tradução de Helena Mello. n.7. **Revista Cena**. Porto Alegre, 2009.

FOUCAULT, M. Introdução à vida não-fascista. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, G. **Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia**. Viking Press. New York, 1977, p. 11-14. Disponível em: <<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>>. Acesso em 27 fev. 2019.

GONZALES, L. Racismo e Sexismo no Brasil. **Revista Ciências Sociais Hoje**. ANPOCS, 1984, p.223 - 244.

GORKI, M. **Como aprendi a escrever**. Rio de Janeiro: Editora Mercado aberto, 1984.

JONES, S. H. ADAMS, T. E. ELLIS, C. **Handbook of Autoethnography**. Resenha de Pedro M. R. da Motta e Nelson Filice de Barros, 2013, 736p.

MARQUES, I. Vazio positivado: Robert Dunn e o indeterminado na dança. IN: MARQUES, I. **Dançando na escola**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

MERHY, E. E. **Os CAPS e seus trabalhadores: no olho do furacão antimanicomial**. Alegria e Alívio como dispositivo analisadores. 2004 Disponível em: <http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/artigos/alegria-e-alivio-nos-caps-emerson/at_download/file>. Acesso em: 27 fev. 2019.

Movimento Nacional de Trabalhadores de Saúde Mental. Carta de Bauru. **II Congresso Nacional de Trabalhadores em Saúde Mental**. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/05/manifesto-de-bauru.pdf>>. Acesso em 20 fev. 2019.

PASSOS, R. G. PEREIRA, M. O. Luta antimanicomial, feminismos e interseccionalidades: notas para o debate. In: _____. (org.). **Luta antimanicomial e feminismos**: discussões de gênero, raça e classe para a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, p. 25-51.

PELBART, P. P. A nau do tempo-rei. In: _____. **A nau do tempo-rei**: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago Ed, p. 29 – 46.

PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL. ALEGRIA É A PROVA DOS 9. 8º programa. 2018.
Diretor: Murilo Salles. Duração: 26 min.

REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, B.; TESLLER, E. (Org.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: E. Universidade. UFRGS. 2002, p.121-140.

RIVERA, T. Hélio Oiticica. A Criação e o comum. n. 7. **Viso - Cadernos de estética aplicada**. UnB: Brasília, jul.-dez. 2009.

ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: _____. **Ficção completa**: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413. Disponível em: <https://www.aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ-a-dist-jan-fev2014/CASTANHAL/castanhal-2010-010/guimaraes%20rosa%20-%20a_terceira_margem_do_rio-3.pdf>. Acesso em 10 fev. 2019.

ROSA, M. V. F. Quando Vargas Caiu no Samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa, e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940. Programa de Pós-graduação em História. UFRGS, 2008. *apud* CATTANI, H. C. **Cariocalização do Carnaval de Porto Alegre (1962 - 1973)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História: UFRGS. Porto Alegre, 2015.

ROTELLI, F. Formação e construção de novas instituições em saúde mental. In: AMARANTE, P.; CRUZ, L. B. (org.). **Saúde Mental, Formação e Crítica**. Rio de Janeiro: LAPS, 2008, p. 37 - 50.

SALOMÃO, W. **Hélio Oiticica**: Qual é o parangolé? e outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, 141p.

TRINDADE, R. **Deleuze - Ritorno (e o Jazz)**. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2017/03/12/deleuze-ritorno-e-o-jazz/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

XISTO, V. 'Coletivo Carnavalesco Tá Pirando, Pirado, Pirou!': desinstitucionalização e estratégias de sobrevivência dos profissionais de saúde mental. v. 4. n. 8. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**. Rio de Janeiro, jan.-jun. 2012, p. 115-124. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/2025>>. Acesso em: 26 fev 2019.

Anexos

Anexos

Artes publicadas nas redes sociais no primeiro cortejo em maio de 2018

O tema do ano é o mar!

VAMOS FANTASIAR!

Chamamos pescadoras/es, marinheiras/os, sereias/os, peixinhas/os, estrelinhas e o que a imaginação criar!

Nossas cores são Vermelho e Azul!

BLOCO
NAU DA LIBERDADE

Nosso repertório terá cirandas e marchinhas!

BLOCO NAU DA LIBERDADE

20 DE MAIO - DOMINGO - 15:00
CONCENTRAÇÃO NA RÓTULA DAS CUIAS
AV. AURELIANO DE FIGUEIREDO PINTO, 135 - CIDADE BAIXA
PORTO ALEGRE - RS

FALTAM 4 DIAS!

**Bloco
Nau da
Liberdade**

20 DE MAIO - DOMINGO
15:00 - CONCENTRAÇÃO NA
RÓTULA DAS CUIAS
AV. AURELIANO DE FIGUEIREDO PINTO, 135

Faltam 3 dias!

20 DE MAIO - DOMINGO
15:00 - CONCENTRAÇÃO NA RÓTULA DAS CUIAS
AV. AURELIANO DE FIGUEIREDO PINTO, 135
CIDADE BAIXA, PORTO ALEGRE - RS

**BLOCO NAU DA
LIBERDADE
É AMANHÃ!**

ATENÇÃO!

A CONCENTRAÇÃO DO BLOCO SERÁ
NA RÓTULA DAS CUIAS!
AV. AURELIANO DE FIGUEIREDO
PINTO, 135 - CIDADE BAIXA
PORTO ALEGRE - RS

NAU DA LIBERDADE

**BLOCO NAU
DA
LIBERDADE
É AMANHÃ!**

**VAI TER TEMPO
BOM E MUITA
CIRANDA!**

Fotos do cortejo no primeiro cortejo em maio de 2018



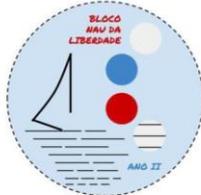
Artes publicadas nas redes sociais no segundo cortejo em fevereiro de 2019

ENSAIOS

Terça (05/02), Quarta (06/02) e
Quinta (07/02)
19:00 - Em frente ao Araújo Viana

CORTEJO

Sábado (09/02)
14:00 - Praça do Aeromóvel



"EU NÃO ME ENCAIXO"

REPERTÓRIO

Músicas das
peças do grupo
de Teatro Nau
da Liberdade
Cirandas
Marchinhas e
Frevos



Fotos do cortejo no primeiro cortejo no segundo cortejo em fevereiro de 2019

Registros fotográficos com destaque aos integrantes do Grupo Nau da Liberdade

Fotos de Jheine Boardmann e Luciano Sito



Fotos do cortejo no primeiro cortejo no segundo cortejo em fevereiro de 2019

Registros fotográficos com destaque aos integrantes do Bloco Nau da Liberdade

Fotos de Luciano Sito e Jheine Boardmann





Fotos do cortejo no primeiro cortejo no segundo cortejo em fevereiro de 2019

Registros fotográficos com destaque aos foliões no Bloco Nau da Liberdade

Fotos de Luciano Sito e Jheine Boardmann

